

BLIMUNDA GIAÇO METTI

MICHEL

**O PINTOR PINTA, O MÚSICO FAZ MÚSICA,
O ROMANCISTA ESCRIVE ROMANCES.
MAS EU ACREDITO QUE TODOS TEMOS
ALGUMA INFLUÊNCIA, NÃO PELO
FACTO DE SERMOS ARTISTAS, MAS
PORQUE SOMOS CIDADÃOS. ENQUANTO
CIDADÃOS, TODOS TEMOS A OBRIGAÇÃO
DE INTERVIR E DE NOS ENVOLVERMOS,
É O CIDADÃO QUE MUDA AS COISAS.**

José Saramago

Um roadbook mexicano

Convocar a mitologia dos povos pré-mexicanos a par com o lastro da banda desenhada de super-heróis, a iconografia dos roadmovies e a exuberância de uma certa cena nocturna de travestis e lantejoulas, e com essa matéria criar uma narrativa de enorme densidade emocional, foi o que fizeram Angélica Freitas e Odyr em *Guadalupe* (Companhia das Letras, colecção Quadrinhos na Cia). Com a Cidade do México como cenário inicial, *Guadalupe* apresenta a protagonista homónima em pleno caos automóvel, ao volante de uma carrinha com a palavra Minerva na caixaria. É a partir desse lugar móvel que a sua história se vai desfiando e que se apresentam as outras personagens, da avó Elvira ao tio agora é tia, Minerva de seu nome (à semelhança da livraria que lhe serve de ganha-pão) ou a Chino, o amigo que queria ser mais do que isso, mas cuja generosidade ultrapassa todos os desejos em relação a Guadalupe. E é com estes personagens que se desenha uma espécie de *roadbook* latino, uma viagem atribulada que podia ser apenas a última viagem de Elvira, mas que acaba por ser o catalizador de uma narrativa mais ambiciosa do que a mistura de clichés deixaria adivinhar.

Odyr já tinha experimentado um maior fôlego narrativo em *Copacabana* (com argumento de Lobo e edição da Desiderata, 2009), um noir ambientado no bairro homónimo e cheio de referências aos quotidianos de gente cheia de pequenas histórias que formam a trama urbana que define o bairro. Em *Guadalupe* são novamente as teias de relações que estruturam a narrativa, com um espaço privilegiado a ser preenchido pelas memórias, estruturando igualmente o cenário e a sua relação com a cronologia. *Guadalupe* é a história de uma

missão, a que a protagonista assume enquanto se faz à estrada na carrinha da livraria para dar à avó o funeral que ela desejou, na sua Oaxaca natal e com música a rigor. Mas *Guadalupe* é sobretudo a história de um crescimento, um belo exercício gráfico-narrativo que apreende com sucesso desmedido um daqueles momentos da vida em que as mudanças se sucedem e parecem inaugurar um novo percurso. No caso da protagonista deste livro, essas mudanças devem muito à relação de *Guadalupe* com as memórias próprias e alheias, construindo um mapa afectivo que tudo inclui no seu património íntimo, como se, à beira dos 30 anos, tivesse reunido os fragmentos possíveis do seu passado e a bagagem essencial de recordações a preservar ou a construir, descobrindo-se pronta para uma outra vida.

Tudo o que no trabalho dos autores parece mera paródia pop acaba por revelar-se matéria sensível, orgânica e vital. *Guadalupe* alimenta-se das memórias vindas do passado da avó com a mesma voracidade com que recorre ao seu património juvenil e não há diferença, pelo menos no que aos afectos diz respeito, entre uma e outra coisa. As lantejoulas do Divina Perla, onde cresceu a ver o seu tio dançar, as forças divinas dos aztecas ou o poder alucinatório dos cogumelos que Minerva consome às escondidas revelam-se tão essenciais para *Guadalupe* como as recordações de infância, os afectos familiares ou as histórias que, não sendo suas, integram a sua memória como se o fossem. De um certo modo, *Guadalupe* confirma a máxima latina atribuída a Terêncio, quando dizia que sendo um homem, nada do que é humano lhe era estranho. Troquemos o sujeito masculino por uma Guadalupe à beira dos 30 na muito agitada Cidade do México e não se vislumbram diferenças na justeza do pensamento. **Sara Figueiredo Costa**



FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

Segunda a Sexta
Monday to Friday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

Sábado
Saturday
10 às 14 horas
10 am to 2 pm

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

Livreiros vs. vendedores de livros

No jornal colombiano *El Espectador*, a escritora Piedad Bonnett faz um elogio dos livreiros que continuam a trabalhar tendo como regra o contacto com os clientes e o conhecimento profundo dos livros que vendem. Numa altura em que o mercado editorial se transformou num gigantesco negócio povoado por cadeias livreiras cuja principal política é a rotatividade máxima dos livros que recebem, privilegiando as novidades e os potenciais *bestsellers* e desprezando fundos de catálogo ou pequenas tiragens, e por grandes conglomerados editoriais que nem sempre desenham os seus catálogos com base na coerência, mas mais frequentemente com base no lucro rápido, Piedad Bonnett chama a atenção para o potencial das livrarias independentes. O quadro descrito pela escritora refere-se à realidade colombiana, mas poderia ser aplicado facilmente a qualquer outro país.

<http://www.elespectador.com/opinion/columna-397516-el-buen-librero>

O engano da Lusofonia

Num texto originalmente publicado no suplemento *Ípsilon* do jornal *Público*, em Janeiro deste ano, António Pinto Ribeiro reflecte sobre o termo ‘lusofonia’ e as suas muitas utilizações, quase sempre sobranceiras, mesmo que disfarçadas pela máscara da boa vontade e da união entre os povos falantes de uma mesma língua. Não é o património comum ao nível linguístico que Pinto Ribeiro critica, já que esse é uma constatação, mesmo quando partilha tantas coincidências como naturais diferenças. O que aqui se critica, convocando dados históricos, movimentos e produções narrativas várias dos diferentes países envolvidos, é a noção de lusofonia como pátria comum, algo que parte de uma ideia que coloca Portugal como centro nevrálgico deste mundo de países unidos por uma língua, à semelhança do que acontecia no período colonial, apagando quaisquer elementos históricos, sociais e culturais cuja origem seja anterior a esse período. Diz o autor: “Os portugueses não têm nenhum atributo de excepcionalidade mítica. Não precisamos de uma diplomacia lusófona; do que precisamos é de uma diplomacia de direitos e de igualdades. Este é o momento de conhecer e dar visibilidade às produções culturais e artísticas, às literaturas e aos trabalhos científicos destes países por aquilo que valem, por serem incontornáveis no mundo global, por conterem, até, uma estranheza que é, porventura, consequência da morte dessa mesma lusofonia.”

<http://www.buala.org/pt/a-ler/para-acabar-de-vez-com-a-lusofonia>

Desencaixotando a biblioteca

O tema do famoso texto de Walter Benjamin continua a servir de matéria para reflexões várias sobre a relação que estabelecemos com os nossos livros e a que estes estabelecem com o mundo – e com a memória e a história, o individual e a comunidade – através de ligações múltiplas que podem ser um verso a que se dá um sentido íntimo e privado ou uma leitura extensiva do tempo que nos tocou viver. No blog da Companhia das Letras, o escritor brasileiro Joca Reiners Terron regressa a Benjamin sem nunca o citar, contando como as suas mudanças frequentes se associam à biblioteca encaixotada, aos livros que desaparecem e ao gesto de voltar a desencaixotar a biblioteca, arrumando os livros em estantes que não serão, provavelmente, a sua morada definitiva. “Uma biblioteca encaixotada. Para mim não existe outra imagem que melhor defina a melancolia.”, diz o escritor. Walter Benjamin haveria de concordar.

<http://www.blogdacompanhia.com.br/2013/02/uma-biblioteca-encaixotada/>

Na Curitiba de Dalton Trevisan

A jornalista Alexandra Lucas Coelho deambulou pela cidade de Curitiba seguindo o rasto do seu mais honorável habitante, Dalton Trevisan. Escritor multi-premiado mas pouco dado a convívios com a imprensa ou o público, Dalton Trevisan é frequentador da Livraria do Chain, ponto que serve de suporte à viagem da jornalista em demanda do escritor e ao texto que daí nasceu, assim como aos escassos contactos do escritor com o mundo lá fora (correspondência, de fãs ou de instituições responsáveis por prémios literários, é recebida ali e entregue em mão a Dalton Trevisan). O cognome de *O Vampiro de Curitiba*, baptismo que lhe vem de um dos seus contos, faz justiça às esquivas do autor relativamente a quem quer falar com ele, sobretudo se o tema for a sua obra, mas a ideia do eremita alheado do mundo não combina com Dalton Trevisan: para além da Livraria do Chain há os passeios por Curitiba e as deambulações pelo jardim, tudo sem esforço para se esconder. Só não quer falar, coisa que não perturbou Alexandra Lucas Coelho, que não foi a Curitiba para forçar esse obstáculo, mas antes para registar o habitat do vampiro. Acabou por vê-lo, no jardim, e por regressar com uma pilha de livros autografados pelo autor, com o livreiro Aramis Chain como intermediário. O texto saiu no suplemento *Ípsilon*, do *Público* (acompanhado por um texto de Gonçalo Mira sobre a vida e a obra de Dalton Trevisan, “Debaixo de deboche: a poesia”) e pode ser lido no blog da jornalista.

<http://blogues.publico.pt/atlantico-sul/2013/02/08/no-rasto-do-vampiro/>

Tratamento Pela Água ou Hygiene e Medicação Para Cura das Moléstias e Conservação da Saúde

*Livraria Escolar de Cruz & Ca
Editores, comprado na Feira da
Ladra, Lisboa, 1,00 euros*

Nem todos os livros que se resgatam das montanhas de velharias bibliográficas que se amontoam em espaços como a Feira da Ladra se agregam à biblioteca pessoal com um objectivo muito definido. Alguns são meras curiosidades históricas, por vezes com temas exóticos ou muito datados, testemunhos dos muitos séculos de civilização em que uma dúvida de carácter prático se resolvia com a consulta de dois ou três volumes e não com recurso à Wikipédia ou ao Google. Foi o caso deste *Tratamento Pela Água ou Hygiene e Medicação Para Cura das Moléstias e Conservação da Saúde*, da autoria de Sebastião Kneipp e com tradução a merecer prefácio elogioso de um professor do Liceu de Braga de seu nome J. J. Alves D'Araújo.

Com data de edição de 1893 (a 3ª edição, já que não há referências às datas das anteriores), o livro de Kneipp é um completo manual sobre a cura de quase todas as maleitas humanas conhecidas à época através da água. Nalguns casos, a cura deve-se a simples hábitos de higiene diária que, a avaliar pela descrição pormenorizada, não deveriam ser prática corrente na época e no lugar onde viveu o seu autor. Noutros, o debelar das doenças alcança-se com a aliança entre a água e várias ou-

tras substâncias naturais, nomeadamente ervas, minerais ou alimentos de uso corrente. O conteúdo está devidamente organizado para facilitar a consulta em função das patologias e dos métodos de tratamento, que incluem compressas, vapores, banhos, enfaixamentos, infusões e loções. E se os métodos de tratamento se tornam matéria pertinente para avaliar o estado da arte no que à medicina diz respeito à época em que o autor escreveu este manual, os casos descritos são ainda mais interessantes na medida em que revelam não só o seu conteúdo, ilustrativo da sociedade de finais do século XIX e dos seus hábitos, como o estilo rebuscado que Kneipp (e o seu tradutor português) assume para apresentar as muitas histórias de rapazinhos tuberculosos, homens com problemas

de coluna ou senhoras de provectividade abaladas por dores no peito. Nem tudo se resolve com água, o que levaria um leitor do século XXI a invocar a publicidade enganosa patente no título, mas quase tudo parece ter uma solução que deve mais à prevenção (sob a forma de higiene diária e cuidados na alimentação) do que à acção milagrosa de qualquer banho ou chá medicinal.

Da leitura proveitosa de uma obra com estas características fica a curiosidade sobre a personalidade do seu autor. Sem enciclopédia que

refira Sebastião Kneipp à mão de semear, resta juntar a tecnologia da informação rápida (e tantas vezes não verificada) ao manuseamento de um velho tomo encontrado na Feira da Ladra para se descobrir que Sebastião Kneipp é Sebastian Kneipp, o padre da Baviera que ficou conhecido pela prática da hidroterapia de que fala este livro, pela divulgação da naturopatia e pela receita de pão de trigo integral que tanto se coze em terras da Noruega. A Wikipédia e o Google confirmam, assim, a sua utilidade. **SFC**



1140

85



100



2



85 CANAIS
100 MEGAS
DE INTERNET
TELEFONE FIXO
2 CARTÕES
TELEMÓVEL

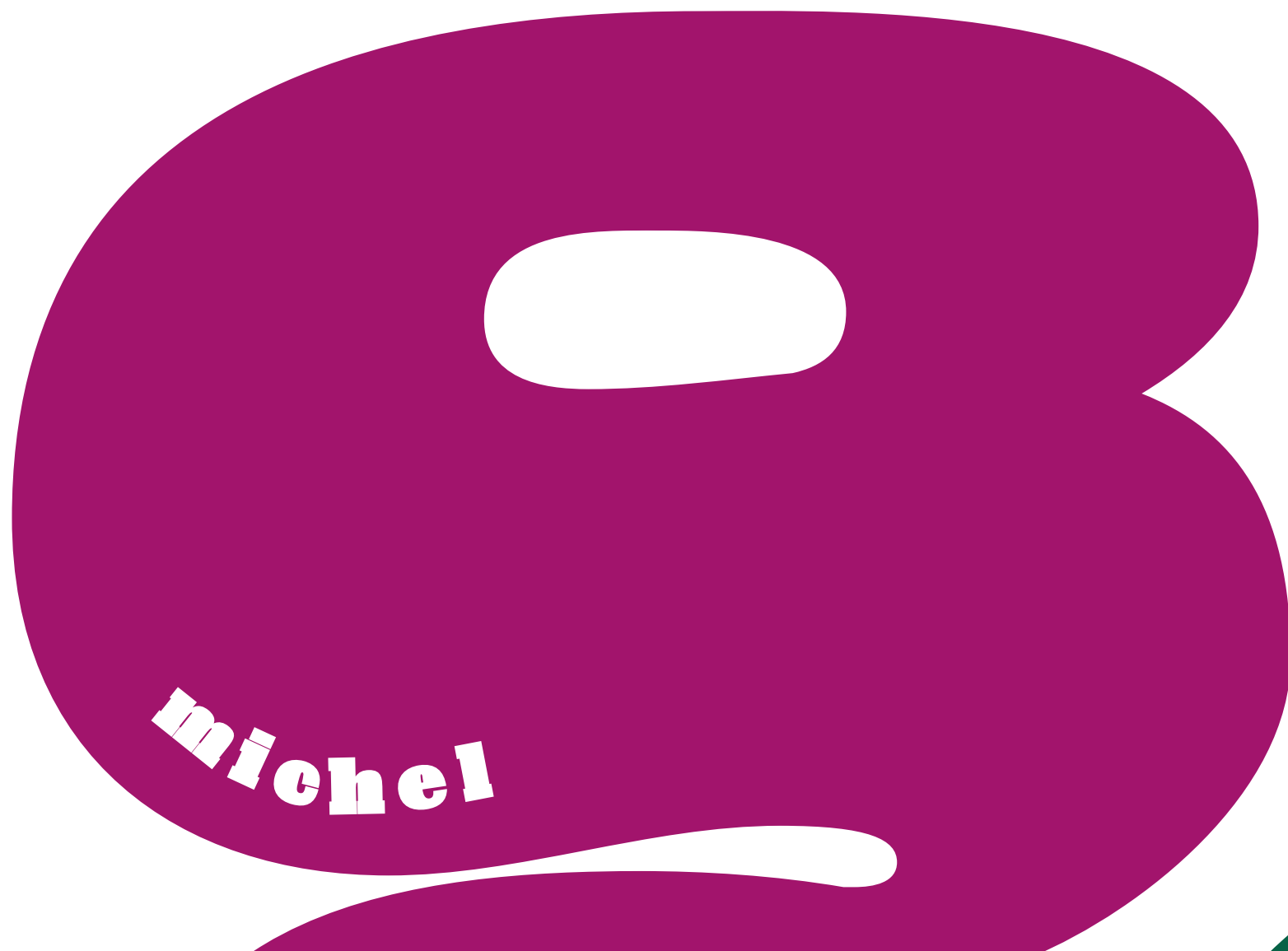
POR € 79,99
mês



ME

LIGUE 16 200

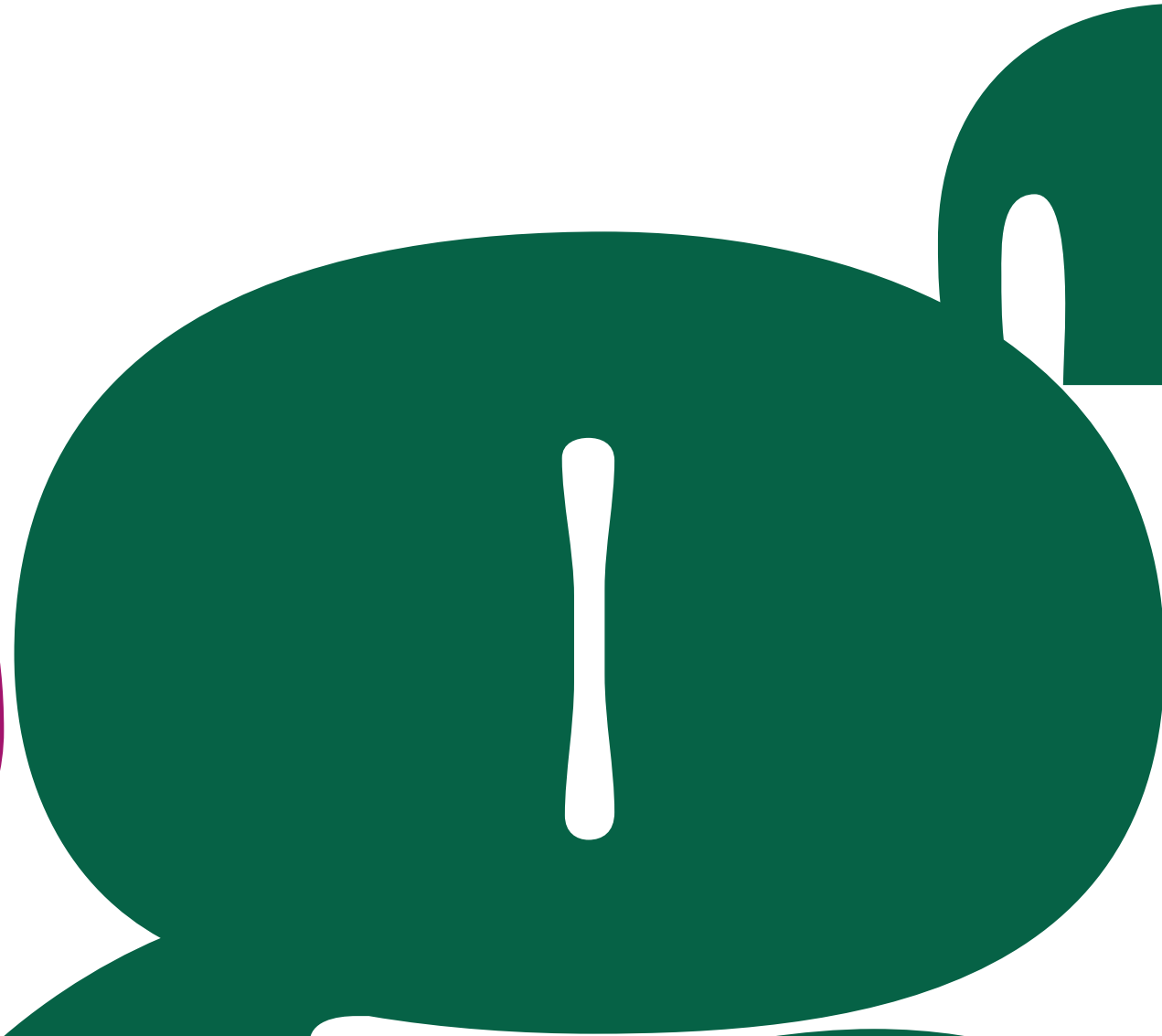
É OUTRA VIDA



michel



sara figueiredo costa



giacometti

A herança de Michel Giacometti surge como referência incontornável para músicos e intérpretes que desenvolvem as suas criações numa relação estreita com a música tradicional portuguesa. Decidimos, por isso, pedir a três músicos um depoimento sobre o significado que para si assume o património recolhido e o trabalho incansável que Giacometti desenvolveu ao longo de trinta anos. Responderam Amélia Muge, Nê Ladeiras e Carlos Guerreiro (Gaiteiros de Lisboa).



MICHEL GIACOMETTI: UM CORSO EM DEMANDA DA TRADIÇÃO PORTUGUESA



ENQUANTO A EUROPA FERVILHAVA COM o despontar dos movimentos sociais e políticos que haveriam de alterar a paisagem do mundo, entre os primeiros indícios de mudança social e os processos que conduziriam ao Maio de 68 ou à Revolução dos Cravos, um homem palmilhava o país mais ocidental do continente com um gravador às costas. Isolado dos ares da mudança, o país vivia fechado sobre si próprio graças à mão de ferro de

um ditador que haveria de cair da cadeira, literal e figuradamente falando, e a um sistema onde os ideólogos do regime, com a ajuda sempre dedicada da polícia política que os protegia, asseguravam que não havia espaço nem oportunidade para mudanças. Éramos pobres, mas isso dar-nos-ia honra,

tínhamos a miséria à porta de casa, e isso era apenas uma oportunidade para praticarmos a caridade, ouvíamos dizer que o progresso podia ser uma coisa boa, mas logo nos convenciam que o progresso era uma ideia perigosa. Nesse Portugal miserável e bafiento, um homem vindo da Córsega soube encontrar o melhor de nós sem nunca elogiar o que nos mantinha parados no tempo. E soube perceber que o melhor tinha de ser registado, não para que se preservassem velhas tradições à custa de uma qualquer ideia de glorificação do passado, mas antes para garantir que não se perdia um património essencial para compreender a História, perceber as raízes e caminhar para o futuro sabendo de onde se vem.

Michel Giacometti chegou a Portugal em 1959. Nascido na Córsega, já tinha passado por França, pelo Norte de África ou pela Noruega, onde o seu interesse pela cultura popular o levou a observar, a estudar e a aprender sobre tradições locais e expressões culturais cuja origem se perdia no tempo. Conhecedor da cultura portuguesa através de leituras feitas durante os seus estudos de Letras e Etnografia na universidade da Sorbonne, o casamento com uma portuguesa acabou por conceder-lhe o melhor pretexto para se instalar em Portugal e investigar o objecto do seu interesse in loco.

Ao longo de três décadas, entre 1960 e 1990, Giacometti percorre o país recolhendo gravações audio de músicas e cantares que foram passando de geração em geração e que parecem estar a chegar ao fim desse continuum de transmissão. Esse é, aliás, um dos elementos que se destaca no trabalho do autor, e do qual terá tido consciência à medida que foi realizando o seu trabalho. Ouvindo os registos sonoros que nos deixou ou vendo os episódios da série O Povo Que Canta percebe-se que as condições de vida das pessoas que gravou, quase sempre miseráveis, não se manterão cristalizadas durante muito mais tempo, tornando-se urgente registá-las antes que desapareçam. Se o Portugal rural dos anos 60 parecia pouco diferente do país que existia desde os tempos medievais, a chegada iminente do progresso, sob a forma de vias de comunicação, transportes, saneamento básico, e da tão esperada democracia (que ainda tardaria uns anos, mas finalmente chegaria em 1974) anunciava mudanças muito desejáveis ao nível das condições de vida e dos

direitos humanos, mas irreversíveis no que à manutenção de algum património cultural diz respeito.



NESSE CONTEXTO QUE GIACOMETTI SE dedica ao registo sonoro de um património imenso e praticamente desconhecido, percorrendo vilas e aldeias e gravando a música que integrava as festividades, o trabalho, o lazer, os momentos de transição social. Sem apoios financeiros, cria um projecto a que chama Arquivos Sonoros Portugueses e que, graças à cumplicidade e ao apoio de alguns entusiastas com quem vai estabelecendo contacto, chegará a ter edição parcial em alguns discos, nomeadamente

na colecção de vinis que ficou conhecida pelas capas de serapilheira, a Antologia da Música Regional Portuguesa, realizada com Fernando Lopes-Graça. Durante os trinta anos em que percorreu o país para gravar a sua expressão musical, Giacometti experimentou também o modo de vida das pessoas que lhe serviram de matéria-prima. As descrições que podem ler-se, ou ouvir-se a quem conheceu Giacometti pessoalmente, sobre esse enorme empreendimento ajudam a justificar parte do fascínio exercido pela figura do corso de gravador ao ombro. Sem reservas, Giacometti chegava às vilas e aldeias pelos meios possíveis, fossem eles o carro, o transporte público ou a carroça, e muitas vezes chegava a pé, vindo de um qualquer carreiro. Dormia onde lhe ofereciam guarida, e isso queria dizer que umas vezes tinha sorte e podia ficar numa cama, mas muitas outras tinha de passar a noite em palheiros, casas de guardar o gado ou abrigos improvisados. Se o dinheiro para a empreitada era pouco ou nenhum, isso reflectia-se na comida disponível ao longo dos dias de trabalho, o que nunca o impediu de partilhar um pedaço de pão ou um punhado de azeitonas com os camponeses que o recebiam e lhe cantavam as suas canções. Outras vezes, eram os camponeses que partilhavam o pão com Giacometti, assegurando-lhe o sustento para continuar o seu trabalho. Os teste-



página 13

Michel Giacometti recolhendo um canto de lavra

Arrebenta, Sobreiro, Mafra, 1971

Foto: Leonor Lains, MMP | Fundo MG | 012-09

Lopes-Graça e Michel Giacometti numa excursão do Coro

Entre Lisboa e Beja, 1966

Foto: Pepe Blanco, MMP | Fundo MG | 012-01

munhos desta realidade repetem-se onde quer que os procuremos e depois de lidos é inevitável que a imagem que se forma deste homem que dedicou parte considerável da vida à música cantada pelo povo seja uma imagem quase mítica, algures entre o peregrino, o profeta e o herói. Cruzando os textos sobre Giacometti com os testemunhos dados por quem o conheceu bem, não é de crer que o próprio apreciasse este género de imagem, elegíaca e heróica, mas é difícil fugir à sua força, sobretudo quando se percebe a dimensão e o alcance do trabalho que deixou feito e do que infelizmente deixou por fazer.

LONGE DA VISÃO PADRONIZADA DO SECRETariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), com os seus ranchos folclóricos cuidadosamente farpelados e os repertórios tantas vezes definidos e adaptados pelo regime, Giacometti estava interessado na expressão genuína e ancestral da cultura popular e era a partir daí que planeava construir um arquivo. Mas o projecto de construir um arquivo sonoro do território português não existia isoladamente. Para Giacometti, essa necessidade de registar insere-se numa visão mais ampla daquilo que é o património cultural de um povo e cedo se torna claro que, para além das gravações em áudio, onde fica guardada a música mas igualmente os sons do trabalho no campo (os chamamentos usados pelos pastores para manter o gado na linha ou o barulho das alfaias agrícolas que marcam o ritmo agrário tanto como o musical), é essencial criar um modo coerente de registar igualmente as lendas, as mezinhas populares para curar esta ou aquela maleita, as superstições e outros elementos daquilo a que chamamos cultura popular, para além dos registos fotográficos, a que Giacometti também se dedicará, como comprovam as imagens deste dossier (gentilmente cedidas pelo Museu da Música Portuguesa/Câmara Municipal de Cascais). Se a esses vários testemunhos pudessem juntar-se registos fílmicos, o projecto amplo e multidisciplinar a que Giacometti

dedicou a sua vida ganharia outra dimensão. É assim que, em 1970, o musicólogo vê aprovada pela Rádio Televisão Portuguesa a produção de uma série intitulada *Povo Que Canta*, que passará na televisão ao longo dos quatro anos seguintes, mostrando ao país uma das vertentes fundamentais da sua cultura e revelando um património conhecido por pouco mais pessoas do que aquelas que o faziam viver nas suas tarefas quotidianas. Com realização de Alfredo Tropa, responsável pela definição dos cenários e enquadramentos em que se registaria a música cantada ou tocada pelas pessoas que a conheciam, *Povo Que Canta* teve um total de 37 episódios, hoje guardados nos Arquivos da RTP e recentemente disponibilizados numa colecção de DVD's realizada pela Tradisom em parceria com a RTP e o jornal *Público*, que assegurou a distribuição dos DVD's nas bancas (sobre essa colecção, ver entrevista com José Moças, da Tradisom, neste dossier). Vendo esses episódios hoje fica a dúvida de como terão passado pela Censura, ainda por cima sendo claro que a visão do mundo de Giacometti se situaria no espectro oposto ao do fascismo, tendo o etnólogo chegado a estar muito próximo do Partido Comunista Português. Muito mais do que um registo de músicas e canções com ligações profundas a cada uma das terras, *Povo Que Canta* mostrava um Portugal que em nada se harmonizava com a visão que o regime queria transmitir sobre o país e mostrava, além disso, que era possível olhar para o património tradicional sem a artificialidade de grande parte das abordagens do SNI, encontrando a genuinidade entre as pessoas que trabalhavam, que lutavam diariamente contra a fome e a miséria, e que não pareciam minimamente interessadas em cantar loas ao Governo e à ordem instituída. Talvez, como tantas vezes aconteceu, os censores não tenham tido a inteligência e a sensibilidade necessárias para perceberem semelhante dimensão, ou talvez a equipa que realizou e produziu a série tenha conseguido manter a sua essência afastada de um olhar mais escrutinador. De um modo ou de outro, ficámos todos a ganhar.

N

UMA ENTREVISTA DADA AO JORNALISTA Adelino Gomes, do jornal *Público*, em Agosto de 1990, Michel Giacometti fala sobre o seu trabalho sem adivinhar que morrerá nesse mesmo ano. Ainda assim, nota-se um certo tom de balanço, mas mais relevante é a constatação de que uma vida dedicada a um projecto com as características e a importância daquele que fixou Giacometti no nosso país não permitiu ao etnólogo alcançar um mínimo de conforto material: “P– Quando co-

meçou a viver deste trabalho? R– Nunca vivi. Nem agora. Vivia das margens deste trabalho. Imagine-se uma edição de 300 exemplares como foi a da *Antologia da Música Regional Portuguesa*. Nem para uma semana de trabalho no terreno dava. P– O que foi para si a margem? R– Programas para a WDR da RFA, para estações da Suécia e da Bélgica, um ou outro para França e artigos em jornais estrangeiros (muitas vezes não assinados). Ganhei algum dinheiro com a edição das obras de Fernando Lopes-Graça, vendidas nas associações de estudantes, mas o dinheiro nem sempre me chegava às mãos. De todas as edições que fiz, mandava 50 exemplares para um comité antifascista em Itália. Comecei a viver melhor quando vendi – ficando apenas com o usufruto – os arquivos sonoros à Secretaria de Estado da Cultura; depois, a colecção de instrumentos musicais e mais recentemente a minha biblioteca (muito me custou, mas enfim, tenho o usufruto) à Câmara Municipal de Cascais. Quando eu morrer, vai tudo para o Museu de Instrumentos de Música Regional Verdades de Faria, no Monte Estoril.” (in *Público Magazine*, 5 Agosto 1990).

O museu referido é o actual Museu da Música Portuguesa, instalado na Casa Verdades de Faria e pertencente ao Município de Cascais, e o desconforto que pode produzir a certeza de que alguém que dedicou a vida à recolha, preservação e divulgação de um património tão fundamental não teve grande recompensa por parte de quem deveria assumir esse género de compromissos (será exigir demasiado de um Estado que dê algum valor à cultura? A per-



Tocadores de Concertina e Viola
Joane, Vila Nova de Famalição, 1973
Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 001-01

gunta poderá não caber num texto de índole jornalística, por isso deixemo-la entre parêntesis) acaba por ser mitigada pela existência de uma estrutura museológica como esta, que preserva a herança de Michel Giacometti (assim como a de Fernando Lopes-Graça) e a dá a conhecer ao público.

Na visita ao Museu da Música Portuguesa, a *Blimunda* foi recebida por Catarina Roquette, Responsável Técnica do Museu, que nos conduziu numa apresentação dos vários espaços, referindo a construção da Casa Verdades de Faria, da autoria do Arquitecto Raúl Lino, e a instalação dos espólios de Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça. Houve ainda oportunidade para conversar com Conceição Correia, Coordenadora do Centro de Documentação do Museu da Música Portuguesa, integrada no trabalho do Museu desde a sua instalação, que falou sobre Giacometti fornecendo-nos uma preciosa visão de conjunto sobre o trabalho do etnólogo e a sua relação com Portugal e contando como foi o processo de criação do Museu a partir do imenso espólio do musicólogo, com quem conviveu nessa altura.

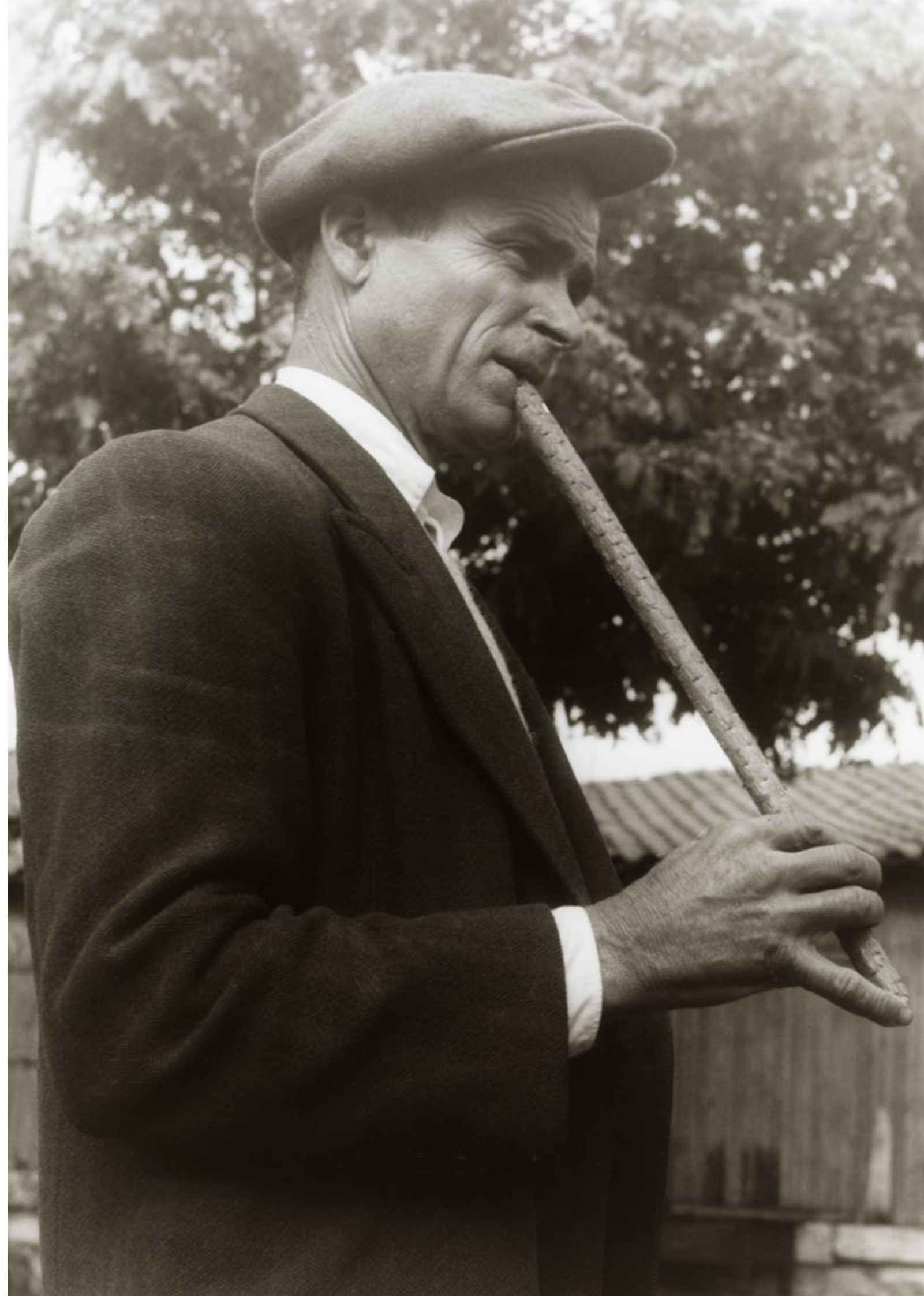
DEPOIS DE VÁRIAS TENTATIVAS DE REUNIR todos os registos resultantes do seu trabalho num fundo que pudesse ser acolhido pelo Estado português, Giacometti percebe que esse desejo não será concretizado. Uma parte do que gravou foi adquirido pela Secretaria de Estado da Cultura, mas há uma imensidão de materiais que fica sem destino. Segundo nos explicou Conceição Correia, “tentando encontrar uma outra instituição que pudesse albergar o espólio, que lhe permitisse ter algum dinheiro para continuar a investigação, por um lado, e fazer a correcta manutenção das colecções, por outro, Giacometti chega à Câmara Municipal de Cascais, município onde vivia. O pedido chega à Câmara encaminhado pela Direcção Regional de Lisboa, com quem ele vai ter inicialmente, e a Câmara de Cascais dispõe-se a adquirir a colecção, que começa por ser a parte dos instrumentos musicais e etnográficos, com alguma documentação de apoio, e mais tar-

de, quando surge a Casa Verdades de Faria disponível para ser um museu, mas sem colecção, as coisas juntam-se.” Portanto, a criação do Museu tal como hoje o conhecemos não foi imediata: “Digamos que há um programa que vai dando forma à construção do Museu, porque não é apenas uma colecção que faz um museu, e aquilo que eu considero a grande viragem desta casa foi, mais tarde, a aquisição da biblioteca de Michel Giacometti, uma biblioteca completíssima, com bibliografia desde o século XIX, que serviu de base a todo o percurso de Giacometti e que traduz muito bem a qualidade e a seriedade do seu trabalho. O Museu da Música Portuguesa hoje resulta desse caminho. Mais tarde, respondendo a um desafio que o Giacometti lhe tinha lançado e provavelmente apoiado nos passos seguros que o Museu entretanto tinha dado, o Fernando Lopes-Graça decide deixar o seu espólio a este museu. Acabou por dar-se, assim, uma espécie de casamento da música tradicional com a música erudita, prosseguindo o seu trabalho de investigação e o de outras pessoas, aliando a colecção a um centro de documentação e assumindo a parte da divulgação que Giacometti considerava tão importante.” E a imagem que hoje temos de Michel Giacometti, com a sua vida dedicada a uma causa, como se não houvesse distinção entre viver e fazer o trabalho que fazia, é confirmada por alguém que teve oportunidade de o conhecer? “Creio que sim. E há alguns dados nesse sentido. Por exemplo, todas as relações afectivas de Giacometti de que nós tivemos conhecimento são ligadas ao trabalho e nascem da paixão por esse trabalho. E depois, acho que só uma grande paixão pode levar alguém a passar trinta anos da sua vida atrás disto, nas circunstâncias e nas condições em que ele o fez. Os relatórios detalhados do processo de trabalho, com a indicação do número de horas dedicado a cada coisa, a preparação prévia das saídas de campo, a rede de apoios que teve de construir para poder concretizar o que queria, enfim, tudo isso confirma essa paixão.” A imagem elegíaca e heróica de que talvez Giacometti não gostasse persiste e cada revisitação do seu trabalho, através dos discos ou dos filmes, do espólio que reuniu e que o Museu da Música Portuguesa disponibiliza ao público ou da herança que persiste, viva e de boa saúde, no trabalho de músicos e intérpretes que continuam a visitar a música tradicional portuguesa, confirma a justeza do ângulo.

JOSÉ MOÇAS: O POVO QUE CANTA REGRESSA ÀS ALDEIAS

JOSÉ MOÇAS É O RESPONSÁVEL PELA Tradisom, editora com um catálogo variado mas onde a música tradicional assume o papel principal, não só nos discos, mas igualmente na bibliografia especializada que tem publicado. Em 2010, a Tradisom assumiu a edição da filmografia conhecida de Michel Giacometti, em parceria com a RTP e o jornal *Público*, e o resultado foi uma colecção de doze DVD onde se podem ver os episódios da série *Povo Que Canta*, feita para a Rádio Televisão Portuguesa, e outros documentários da autoria do etnólogo de origem corsa que dedicou trinta anos da sua vida à música tradicional portuguesa.

Com os DVD prontos e distribuídos, e apesar de ter convivido pouco com Michel Giacometti, José Moças achou que seria um gesto de elementar gratidão regressar às aldeias e às vilas onde Giacometti filmou e exhibir os filmes perante o público que aparecesse para a função. Entre a audiência, muitos olharam para a tela e reconheceram-se quando eram novos, outros identificaram familiares ou amigos entretanto desaparecidos, mas todos se emocionaram de um modo que não deixou indiferente o editor da Tradisom. Também sobre isso falámos com ele, numa conversa breve e via Skype a propósito do trabalho inigualável que Michel Giacometti desenvolveu no nosso país.



Como foi andar a calcorrear o país à procura dos lugares onde Michel Giacometti filmou para mostrar às pessoas um pedaço da sua história pessoal?

Posso dizer que muitas das pessoas das aldeias onde fui passar de novo os filmes terão vivido uma experiência fortíssima. Imagina o que é passar aqueles filmes numa aldeia onde as pessoas estão a ver os pais ou os avós, ou a elas próprias quando eram pequenas, a anos de distância... É uma carga emocional muito grande. E posso dizer que, para mim, essa foi a parte mais importante da publicação da filmografia do Michel Giacometti. As pessoas estavam profundamente agradecidas por estarem a ver aquilo, por poderem ficar com o filme e o livrinho, o que compensou o facto de ter andado a fazer isso às minhas custas. Entretanto, a Delegação da Cultura do Norte acabou por apoiar as deslocações mais recentes, que fiz no Verão passado, o que ajudou.

E foi a primeira vez que as pessoas viram esses filmes, tendo em conta que na altura em que passaram pouca gente teria televisão?

Sim, quase ninguém tinha visto.

Que importância teve o trabalho que Michel Giacometti desenvolveu no nosso país?

O trabalho de Giacometti foi sem dúvida muito importante. E essa importância ganhou terreno também pelo facto de ele ter conseguido sobressair não apenas pelo trabalho, mas também graças à sua presença física, à fisionomia, a maneira de estar. Era uma pessoa extremamente comunicativa, que deixava amizades por onde quer que passasse, e isso percebi nos locais por onde passei neste percurso de revisitação, com os DVD's.

Para além do património imprescindível que Giacometti registou, que herança ficou?

Na sequência da mudança que se gerou no país, e que passou por coisas como o Serviço Cívico que levava jovens às aldeias, o trabalho dele acabou por gerar uma nova atitude em relação à redescoberta das nossas tradições. Eu dou o exemplo do Coro da Juventude Musical Portuguesa, para onde entrei em 1972, e que era um dos melhores em Portugal, a par com o Coro da Academia dos Amadores de Música, que o Fernando Lopes-Graça dirigia. A certa altura, depois de 1974, quebrámos com a tradição que havia no Coro da Juventude, de cantar músicas do tempo do Renascimento e outros repertórios eruditos, e começámos a ir fazer recolhas para as aldeias. E todos os anos, no Verão, fazíamos esse trabalho, onde começou, por exemplo, a recolha do Alberto Sardinha, que continua a ser feita ainda hoje. Essa mudança, que muito se deve ao trabalho do Giacometti, perdurou e hoje podemos pensar, por exemplo, no projecto do Tiago Pereira, *A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria*, que acaba por inserir-se no mesmo percurso. E podemos falar também dos vários grupos musicais que aí foram beber: o Almanaque, que era o meu, a Brigada Vitor Jara, o Outubro, o Terra a Terra, até os Trovante, que não faziam exactamente música tradicional mas andavam por lá, enfim, esses grupos todos que apareceram naquela altura. Isso representou um enorme salto em termos de ser possível irmos à procura das nossas tradições.

Em relação ao trabalho dele, é uma pena que ainda haja tanta coisa por publicar nos arquivos e é uma pena que nunca nenhuma instituição portuguesa tenha tomado em mãos o projecto de criar o tal arquivo Sonoro Nacional que era o grande projecto do Giacometti. Mas sobretudo é uma pena que ele tenha morrido tão novo, por todos os motivos óbvios, mas igualmente pela certeza de todo o trabalho magnífico que ele poderia ainda ter feito.

Essa herança tem a repercussão que devia ter no nosso presente?

Infelizmente, não. Uma coisa que se nota é o pouco incentivo dado à música tradicional e ao seu conhecimento. Em certos sítios, as pessoas chegam

a ter vergonha de cantar as suas cantigas porque alguém achava que são coisas antigas, dos velhos, e não têm importância. E esse é um enorme problema. A malta pode gostar de rock, de música clássica, do que for, mas na nossa música de tradição há coisas absolutamente fantásticas que era bom que as pessoas conhecessem, porque é importante conhecer. Mas quando não existe nada nas nossas escolas que fale sobre as tradições musicais, não há instrumentos tradicionais para os miúdos tocarem, não há estudos sobre o assunto. E isso, a inverter-se, só podia ser uma homenagem ao Michel Giacometti, porque ele foi sem dúvida o grande impulsionador de nós descobrirmos as nossas músicas de tradição. O Armando Leça, que é anterior, fez um ótimo trabalho de campo, mas o Giacometti foi o precursor da divulgação desse tipo de trabalho, o que é essencial.

Conheceste Michel Giacometti pessoalmente?

Sim, mas só falei com ele uma ou duas vezes. Quando nós, no grupo da Juventude Musical, decidimos começar a fazer recolhas, a primeira coisa que fizemos foi ir a casa do Giacometti, porque era lógico que seria através dele que podíamos aprender alguma coisa. E no primeiro ano fomos assistir ao trabalho de campo dele. Fomos com o nosso maestro, o Francisco D'Orey, e lá fomos todos acompanhar o Giacometti.

E para onde foram?

Já não tenho a certeza, mas acho que fomos para Lamegal, uma aldeia de Pinhel. E se eu me lembrar de alguns dos nomes que integravam esse grupo que foi assistir ao trabalho do Giacometti, vais perceber a importância disto.



página 25

Francisco Domingues

Paradela, Miranda do Douro, 1960

Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 002-02

A malha

Moreira de Rei, Trancoso, 1969

Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 589-01

Venham os nomes.

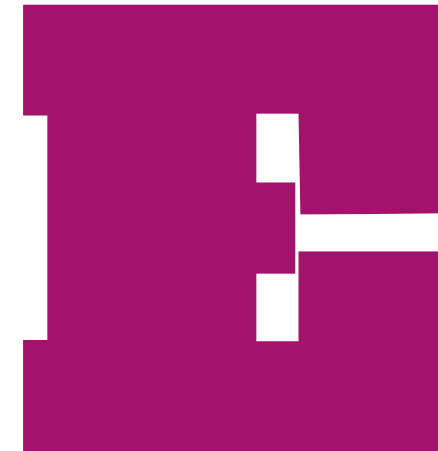
Da formação dos Gaiteiros de Lisboa, estavam lá quase todos: o Pedro Casais, o Rui Vaz e o Carlos Guerreiro, pelo menos. O João Lisboa, crítico do *Expresso*. O Eduardo Paes Mamede, que produziu o *Por Este Rio Acima*, do Fausto. O Domingos Morais. E vários outros que agora não tenho presentes, mas que fizeram trabalhos posteriores no campo da música.

Como é que correu a experiência da recolha musical?

Na conversa que tivemos com o Giacometti, quando fomos a casa dele, percebemos que um dos pontos essenciais para preparar as idas ao campo era contactar os padres das freguesias, porque eles conheciam quase toda a gente e serviam de elo de ligação. Naqueles primeiros anos a seguir ao 25 de Abril, era muito complicado convencer as pessoas do que nós queríamos fazer, porque havia quem dissesse que éramos comunistas, ou outra coisa qualquer, e as coisas podiam complicar-se. Então, para cada sítio que íamos, começávamos por aprender meia dúzia de músicas daquela zona, e quando chegávamos e falávamos com as pessoas explicávamos que queríamos gravar umas músicas, para não se perderem, e se as pessoas ficassem um bocadinho retraídas nós mostrávamos que até sabíamos umas músicas locais. Cantávamos e as pessoas rendiam-se logo. Lá íamos para a cave de alguém, vinham os chouriços, o presunto, o vinho, e depois marcávamos um dia para gravar. E era assim. Onde nos diziam que havia pessoas que cantavam, nós íamos.

Portanto, também te consideras um herdeiro directo de Giacometti.

Sem dúvida. Para além de tudo o resto, o legado dele em termos de reavivar o nosso interesse pelas tradições foi fundamental.

Amélia Muge:

EMBORA CONHEÇA, EVIDENTEMENTE, A obra publicada de Michel Giacometti, realizada sozinho ou em parceria, especialmente com Fernando Lopes Graça, não sou uma grande conhecedora da sua pessoa. No entanto, e muito curiosamente, foi ao ver na Córsega, durante o Festival Cantares de Mulheres, o documentário “Polifonias – Pace é Saluta, Michel Giacometti” realizado em 1997 por Pierre-Marie Goulet, que eu me apercebi da enorme

riqueza do seu mundo, não apenas por ter recolhido o que recolheu em matéria de música portuguesa, mas por fazê-lo já com uma ideia de música do mundo e seguramente com os cantares da Córsega na cabeça e no coração. Este documentário fortaleceu a minha ideia da nossa irmandade europeia, dos encontros entre povos (encontros ainda muito antes de qualquer dos países actuais da europa estarem criados) e que nos fazem perceber que mais do que um mar, as rotas mediterrânicas contaminaram, saudavelmente, a tradição dos nossos povos.

Tudo o resto que poderia dizer sobre o seu trabalho, o seu rigor, já foi dito. A qualidade das recolhas, quer em termos de registo, quer em termos do material escolhido para registo, levanta, é claro um debate que é muito fecundo e que penso que não acabará nunca: O que recolher? Recolher tudo? O que é digno de ficar para registo? Com que critérios? Recolher tudo será o mais fácil. Mas se o fizermos, ficaremos soterrados debaixo de uma mina cultural onde o trabalho de escavar a terra para chegar ao ouro, demorará um tempo imenso. Justifica-se? Giacometti e Lopes Graça não tiveram dúvidas sobre o que merecia constar nos seus arquivos. Na parte que me toca, é um prazer, um espanto, um respeito, um facto motivador para a minha criação,

Nê Ladeiras:

EMBORA TENDO HAVIDO OUTROS ETNÓLOGOS e musicólogos anteriores a Michel Giacometti, que se dedicaram à recolha musical, a singularidade do seu trabalho foi e é uma referência extraordinária que deixou marcas: um curso que busca as raízes de um país que não o seu; o caminheiro incansável que percorre o país sob calor ou frio; a metodologia e sistematização de todo o material que foi juntando ao longo dos anos (e durante bastante tempo votado ao desprezo pelas entidades (in)“competentes”...); o entusiasmo e amor pela expressão portuguesa trazida até nós, principiantes dentro de casa, deslumbrados por tamanha descoberta... a simplicidade e o desconhecimento, o estar por conta própria, o empenho de fazer o que amava fazer, a sua ética e o seu romantismo aplicados na vida, coisas importantes para seguir naquilo que os adolescentes sabem melhor que ninguém: semear sonhos (im)possíveis.

Até então julgava que o nosso povo cantava o que era transmitido nas tardes de folclore na TV a preto e branco. Não era muito atraente de tão artificial. Estava ainda pouco consciente da *mise-en-scène* do regime que construía uma cultura de galos de Barcelos e cantorias a soar a piroscice e que terá motivado ao longo de muitas gerações esta coisa de não se saber apreciar a beleza do canto profundo do amor e do trabalho, do profano e do sagrado, ou seja de se gostar mais do que se faz lá fora e ser repetitivo em vez de se sentir orgulho naquilo que é verdadeiramente nosso e ser criativo.

Com Giacometti foi possível seguir o quotidiano de tantos anónimos e anónimas que mostravam o que sentiam enquanto labutavam duramente, enquanto se divertiam como crianças, enquanto rezavam com seriedade, quando amavam e quando imaginavam .



**Os Bombos de Lavacolhos (Festa de Santa Luzia)
Casteleirão, Fundão, 1970
Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 010p-01**

DEPOIS AS IMAGENS BELÍSSIMAS QUE captou, tanto em fotografia como em filme, revelavam os rostos e o movimento dos corpos de um Portugal, bem longe do brilho de plástico dos ranchos das tardes de domingo, numa arte pura e tão diversificada.

A minha alma exultou! Aquilo era a verdade de um povo e eu sentia-me conectada com a sua Voz..

Tive o imenso prazer de conhecer Giacometti em 1977 e ouvir-lhe algumas das suas ideias convictas, as peripécias das suas viagens que ele contava com um grande sorriso, a opinião sobre *Eito Fora* acabado de gravar pela Brigada Victor Jara, a sua imensa preocupação sobre o que iria acontecer a todo o património recolhido ao longo da vida e guardado em casa, não havendo ainda um espaço que honrasse devidamente a arte do povo que ele conhecia tão bem. Foi uma tremenda injustiça.

O meu apreço por Giacometti e por tudo o que ele representa é bastante afectivo. A minha adolescência atravessou muitos pontos de referência imprescindíveis para me tornar na pessoa e na cantora que escolhi ser.

Michel Giacometti foi indubitavelmente um deles!

Esteve entre nós, faz parte de nós, e estou-lhe muito grata por tudo.



Lenhadores

Nespereira, Cinfães, 1973

Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 601-01

Carlos Guerreiro:



IMPORTÂNCIA DA OBRA DE MICHEL Giacometti no âmbito da actual música portuguesa foi determinante.

Apesar de não ter sido o único musicólogo a realizar recolhas de música tradicional, uma vez que Virgílio Pereira e Artur Santos já o haviam feito, foi a obra de Giacometti que teve maior divulgação, uma vez que foi editada pelos Arquivos Sonoros Portugueses, editora criada pelo próprio.

Algumas recolhas de Artur Santos foram editadas em disco, em número restritíssimo, e as de Virgílio Pereira nunca foram editadas até hoje. Mesmo assim os exemplares disponíveis das recolhas de Giacometti, os famosos discos de serapilheira, e mais uma série de singles, eram raríssimos, e por isso a obra circulava de mão em mão em cassetes recopiadas vezes sem conta.

Foi, de facto, através da obra de Giacometti que travei os primeiros contactos com a realidade da Música Tradicional Portuguesa. Também porque em 1971 comecei a cantar no Coro da Incrível Almadense, dirigido por Luís Pedro Faro, cujo repertório de música portuguesa era composto exclusivamente pelos arranjos de Fernando Lopes-Graça, de muitos dos temas tradicionais recolhidos, uns por Giacometti e outros por ambos.

Até à edição dos primeiros discos pelos Arquivos Sonoros, o conhecimento da Música Popular Portuguesa restringia-se ao repertório dos ranchos folclóricos, formatados segundo a política folclorista implementada desde 1930 por António Ferro.

A realidade musical portuguesa, segundo a versão oficial do Estado Novo, era a de um povo ingénuo, garrido, folgazão e beato, que contrastava em muito com a realidade constatada e divulgada pelo musicólogo corso. É aí que a sua



obra também desempenha um papel político importante, ao revelar que o povo não é tão folgazão e feliz como se queria fazer crer; que se cantavam temas que choravam os soldados que iam para a guerra; outros que falavam de fome; outros das agruras dos trabalhos agrícolas, enfim, uma imagem bem mais consentânea com a realidade sempre filtrada pelos meios de informação ao serviço do regime.

Só por isso, ouvir e divulgar tais músicas já constituía um acto politicamente subversivo. Se considerarmos que até aos anos 70, a única música portuguesa divulgada pela rádio, único meio de difusão musical existente, era o chamado nacional cançonetismo, fado e folclore oficial, posso afirmar com segurança que o conhecimento da música tradicional de cada região, no que ela tinha de mais profundo, era totalmente desconhecido para o comum dos cidadãos.



A PARTIR DOS ANOS 70, COM O SURGIMENTO de cantautores como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, que começa a surgir uma música alternativa à do Centro de Preparação de Artistas da Rádio, a academia do nacional cançonetismo.

A partir dos anos 60, compositores e intérpretes de canções de carácter contestatário do poder constituído, incluíam no seu repertório temas tradicionais, que embora não sofressem ainda a influência das recolhas de Michel Giacometti, já lançavam um olhar

novo e diferente sobre a música tradicional, vindo a abrir o caminho para aquilo a que mais tarde, já a seguir a Abril de 74 costumo designar como o movimento urbano reinterpretaivo da música tradicional, que teve como fundadores o GAC, a Brigada Vítor Jara e o grupo Almanaque de José David e José Alberto Sardinha.

Apesar de editadas ao longo dos anos 60, não creio que até 74 as recolhas de

Giacometti tenham servido de inspiração a outros compositores para além de Lopes-Graça, no entanto, é a partir de 1970 que esta música ganha maior visibilidade através da série da RTP *O Povo que canta*, também da autoria de Michel Giacometti. Esta série foi acolhida pelo público com a estranheza e curiosidade de quem está perante algo de exótico e inesperado. É a partir de 74 que o interesse pela música tradicional de raiz rural se transforma num verdadeiro movimento, proliferando um pouco por toda a parte os grupos reinterpretaivos da música rural, que começaram por ter como fonte principal a obra de Giacometti, que se transforma ainda em vida numa espécie de mito para toda a juventude que militava naquela área musical.



ENDO COMO REFERÊNCIA O MUSICÓLOGO e a sua obra, muitos foram os grupos de jovens que se aventuraram pelo país fora em busca do que restava da obra registada, já que era voz comum que a grande maioria do material gravado, ou corria grande risco de desaparecer, ou já se havia perdido definitivamente. Havia no entusiasmo de toda aquela geração de jovens, na qual me incluo, uma ingénua convicção de que a nossa missão era a de “salvar” o que restava do património musical de

raiz tradicional. Alguns destes grupos tiveram a sorte de ser dirigidos directamente no terreno pelo próprio Michel, no âmbito das Campanhas de Dinamização Cultural do MFA.

O que é verdade é que o panorama não era assim tão desértico como se imaginava e ainda foi significativo o material recolhido. Muitos foram os grupos que para além das recolhas de Giacometti, passaram a trabalhar a partir das suas próprias recolhas, como foi o caso do Grupo Almanaque com o qual José Alberto Sardinha iniciou uma profícua carreira de recolhas que dura até aos dias de hoje,

o mesmo acontecendo com o Gac, a Brigada Vítor Jara, e muitos outros grupos oriundos de cidades do interior que estavam muito mais próximos das origens do que os das grandes cidades, bastando muitas vezes recorrer simplesmente à avó ou à tia que viviam lá em casa. De tal forma o movimento das “recolhas” se tornou uma moda que grande parte dos ranchos folclóricos mudou a sua atitude perante o repertório e começou também a “recolher” repertório nas suas regiões.

N

O MEIO DE TUDO ISTO, COMEÇAM A circular entre um restrito grupo de músicos de Lisboa, cópias das recolhas de Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira, que estes realizaram durante os anos 60, quando percorreram o país de norte a sul recolhendo material para o livro de Ernesto Veiga de Oliveira, *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, editado pela Fundação Gulbenkian.

Entre alguns dos músicos que tomaram contacto com este acervo de cópias, estava Pedro Caldeira Cabral que logo se interessou particularmente pelas recolhas de cavaquinhos, e tentou, e conseguiu igualar a técnica virtuosa do senhor Bernardino, um barbeiro de Braga que tinha uma técnica tão peculiar, que um dia tivemos que ir conhecê-lo.

A sua técnica fazia parecer ao ouvido ser um grupo de cavaquinhos, quando na realidade era apenas um.

É em consequência de tudo isto que Júlio Pereira grava o seu disco de maior sucesso, *Cavaquinho*, onde utiliza a técnica do Sr. Bernardino.

Começam assim a avolumar-se as fontes de trabalho, e a obra de Giacometti, apesar de ter aberto o caminho, já não está sozinha no seu papel revelador de um tesouro oculto. A par das recolhas de Giacometti e Ernesto Veiga de Oliveira, outra fonte documental de importância determinante é o livro de Ernesto.

Se as recolhas foram determinantes para a divulgação da música, o livro de Ernesto Veiga de Oliveira teve um papel idêntico em relação à identificação da



página 37

Pedreira. Cantando a cantilena da pedra

Póvoa do Lanhoso, Viana do Castelo, 1963

Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 2110-01

Alexandre Vasconcelos e Michel Giacometti entrevistando o regedor

Rio de Onor, Bragança, 1963

Foto: Autor Moura, MMP | Fundo MG | 2453-01

organologia nacional, contribuindo para a revitalização de instrumentos como a gaita de foles ou a viola campaniça.

A par de tudo isto, outra fonte musical importante foram os cancioneiros de Rodney Gallop, Armando Leça, Leite de Vasconcelos o Cancioneiro de Arouca, de Virgílio Pereira, e o *Cancioneiro Popular Português* de Michel Giacometti, editado pelo Círculo de Leitores.

PODE DIZER-SE QUE EM RELAÇÃO AQUILO que é a música portuguesa nos dias de hoje, nos seus múltiplos estilos, a obra de Michel Giacometti teve um papel muito importante, tendo servido de inspiração a músicos, intérpretes e compositores de diversas áreas. Pode afirmar-se com segurança que teve uma influência determinante naquilo que é a identidade da nossa música, fazendo escola, dinamizando processos, e moldando uma atitude de interesse e respeito pelas origens culturais.

É um processo que chega aos dias de hoje com um saldo positivo em relação a prognósticos pessimistas que davam como perdidos certos instrumentos e formas musicais. A gaita de foles transmontana, que nos anos oitenta estava quase extinta, teve a partir do fim dos anos 90 um ressurgimento inesperado, havendo vários jovens, não apenas transmontanos, a interessarem-se pelo instrumento e o seu repertório. Surgiram construtores, tocadores, e como a memória é curta, e grande parte dos antigos tocadores já haviam morrido, houve locais onde a única memória disponível eram as recolhas que Giacometti houvera feito há 40 anos atrás, o mesmo acontecendo com a viola campaniça, no Alentejo ou a flauta de tamborileiro em Trás-os-Montes.

Isto prova a vitalidade de uma obra que com o passar dos tempos vai encontrando sempre atualidade e espaço para se afirmar como um marco incontornável da memória da nossa identidade cultural.



Cantadeiras

Ermida, Ribeira, Ponte de Lima, 1962

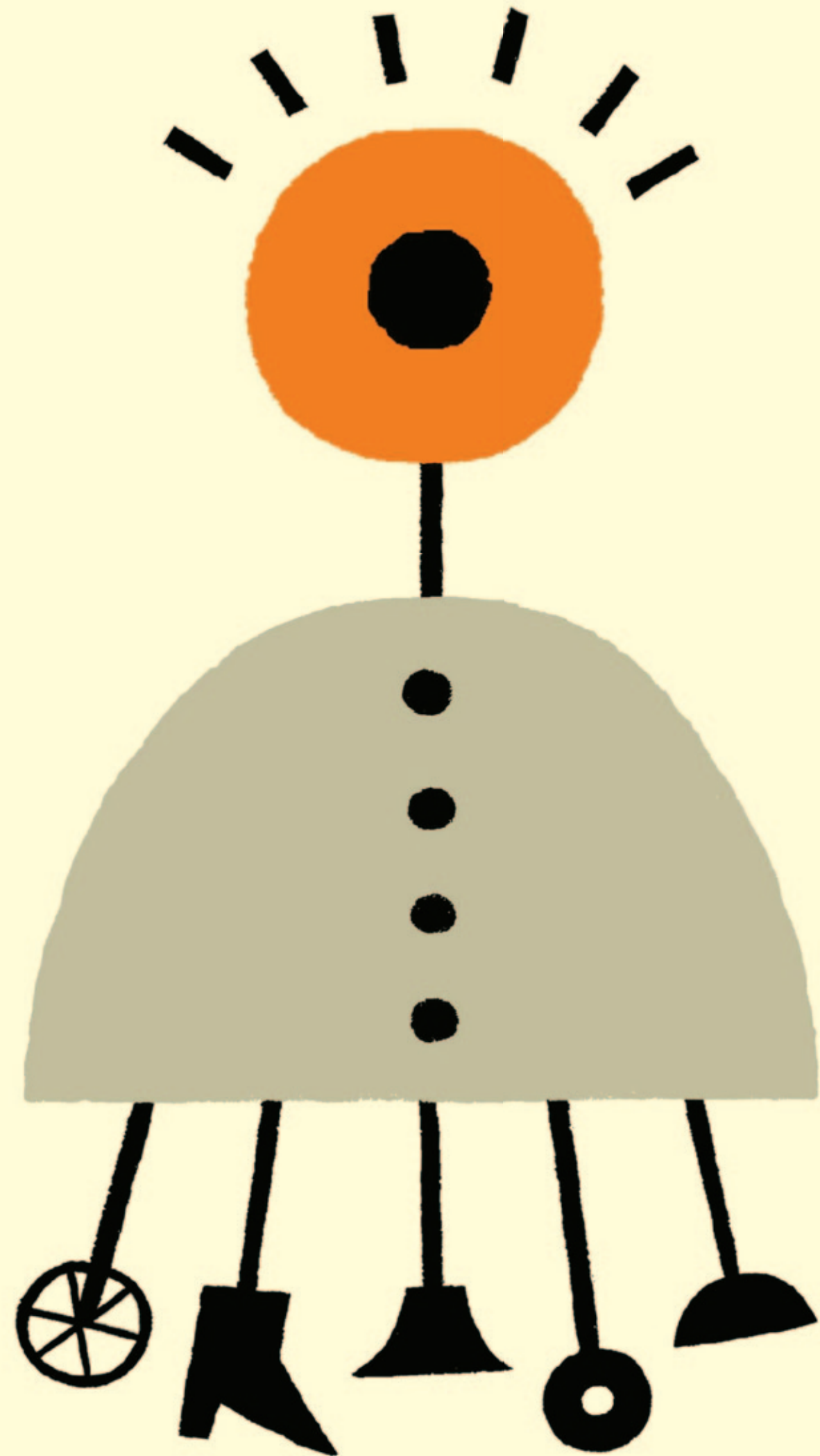
Foto: Michel Giacometti, MMP | Fundo MG | 2142-01

As fotografias aqui reproduzidas pertencem à colecção do Museu da Música Portuguesa-Casa Verdades de Faria, da Câmara Municipal de Cascais, que gentilmente as cedeu para este dossier.

LITERATURA DIGITAL E LEITURA VIRTUAL

Andreia Brites

É um paradigma recente, que ainda estamos a assimilar. Há mais perguntas que respostas mas já se vislumbra um caminho com menos profecias aziagas. O modo de ler e de aceder ao livro também está a mudar. Digerir tudo isto e criar, mediar, ensinar, não é fácil. Sigamos as pistas da Conferência ABC da Edição Digital para Crianças, a experiência de André Letria ou a investigação de Gemma Lluch. No fim, a surpresa que um livro consegue guardar. Sigamos lendo.



O DIGITAL NA EDIÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS: *forma e função*

Andreia Brites

Diz-se mundanamente que a arquitetura é forma e função. A verdade é que desde sempre a teoria da arte se construiu a partir de conceitos como forma, conteúdo, técnica, dom, representação, expressão.

Na longa história do livro, a plataforma digital e as possibilidades oferecidas por aplicações em constante atualização constituem a maior revolução desde a invenção da imprensa por Gutenberg.

Os estudos internacionais indicam um aumento regular de leitores de ebooks, e essa é a única certeza do mercado. Que leitores são, se substituem o livro impresso pelo digital, se acumulam leituras, isso ainda não é seguro dizer com absoluto rigor. No universo do livro para crianças, o digital tem ganho terreno no espaço escolar, com uma oferta cada vez maior de ferramentas didáticas. Mais lentamente, o álbum ou o livro ilustrado asseguram já, internacionalmente, uma representação razoável nas lojas de aplicações virtuais.

Contudo, em Portugal, dão-se agora os primeiros passos.

André Letria, ilustrador e editor da Pato Lógico, foi pioneiro na edição de livros digitais. Dos sete livros impressos que constam no catálogo, três têm uma versão digital.

Foi neste contexto que se lançou, com a Biodroid (empresa que cria e distribui conteúdos virtuais e com quem produziu as suas edições), no projeto Nave Especial¹, cuja primeira iniciativa foi uma conferência sobre a edição digital de livros para crianças, a 28 de janeiro, em Lisboa.

“ABC da Edição Digital” teve um programa arrojado: reunir muitos dos agentes implicados na edição digital de livros para crianças. Numa jornada exigente, houve lugar para três comunicações e seis mesas redondas com editores, escritores, ilustradores, professores, investigadores, criativos, jornalistas, produtores de software e designers que partilharam as suas experiências e dissertaram sobre o digital na sua perspetiva profissional ou académica.

Unindo as pontas, ficaram algumas ideias-chave, a partir das quais se pode trabalhar e refletir ainda mais. Voltemos à questão forma-conteúdo.

Ao contrário do que acontece com um romance ou um ensaio, os livros ditos para crianças não podem simplesmente ser convertidos numa espécie de pdf cujas páginas o leitor passa com o dedo no ecrã à medida que lê. Por isso, ao livro infantil impresso é necessário impor mudanças, sejam elas animações, sons, informações adicionais, ilusões, enigmas... As aplicações interferem com o livro original impresso, se ele já existir, o que levanta uma inevitável interrogação: faz sentido?

A investigadora japonesa Junko Yokota considerou que é preferível criar de raiz um livro digital, do que adaptar livros pensados e concretizados em papel. Não deixou, todavia, de apresentar exemplos de livros que funcionam e de livros que não funcionam. O exemplo de Peter Rabbit, o clássico de Beatrix Potter, é recorrente sempre que se fala de adaptações ou reedições. O digital não foge à regra. “Little books for little hands”, ressaltou a investigadora, acrescentando que a forma e o tamanho dos livros são impor-

tantes para a sua compreensão estética e para a sua interpretação global.

Se o digital mata a relação física com a capa, as guardas, a dimensão e o material do livro físico, também pode ajudar a revelar e esconder informação, reproduzir sensações e emoções. O movimento, o som ou os elementos escondidos são três exemplos de recursos que podem, efetivamente, beneficiar uma história, já de si textual e visual.

É preciso saber ler.

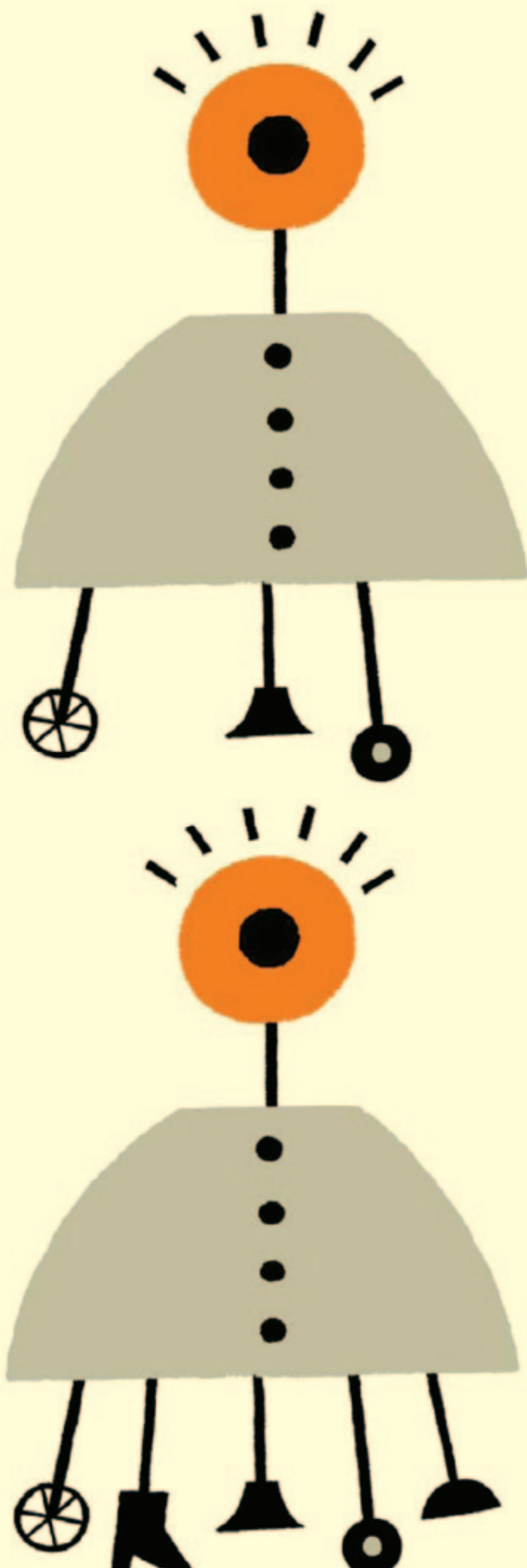
Rui Zink (escritor e professor) recuperou uma das questões fundadoras do debate em torno do livro digital: o que é um livro? Se só há uma leitura plena quando há um leitor crítico e que interage com o livro, então qual o papel do digital?

É certo que se pode repetir a fórmula do livro impresso, com riscos de perder o sentido material que o objeto oferece. Mas pode, entendendo o novo suporte, encontrar-se um equilíbrio entre as duas plataformas, escutar o novo suporte e arriscar. “O digital pode dizer o mesmo que o livro em papel ou pode dizer aquilo que só o digital pode dizer.”

É preciso saber o que se quer dar a ler e como potenciar essa leitura. Rui Zink ilustrou a sua tese com a apresentação de uma performance de Alberto Pimenta que se transforma ou em edição em papel e, posteriormente, num ebook que permite recriar a ideia original do poeta.

Acontece, porém, que a forma de ler também está a mudar, especialmente nos públicos mais jovens. Os utilizadores da web 2.0 leem de forma fragmentada, devido ao hipertexto, que rompe com a leitura linear. Para além disso, acedem, num único suporte, a uma combinação de vários tipos de comunicação: vídeos, livros, música, jogos... A esta leitura transmédia junta-se uma leitura multi-tarefa quando leem, conversam nos chats, recebem e enviam sms, veem tv, ouvem música, tudo em simultâneo. Para além destes dados, o professor Carlos Pinheiro chamou ainda a atenção





para os comportamentos dos leitores e não leitores adolescentes perante os tablets². No seu estudo, verificou que os adolescentes são conservadores na sua definição de leitura. Por isso, os não leitores aceitam melhor o suporte digital, porque não associam o ato de decodificação e interpretação de texto num tablet ao que consideram ser ler.

Em contrapartida, os leitores não diminuem a leitura em suporte físico, passando a acumulá-la nos dois suportes.

Estes resultados coincidem com o estudo levado a cabo pela investigadora Cátia Ferreira, que observa por um lado que muitos não consideram a leitura fragmentada como leitura e por outro que há uma acumulação de suporte e não uma substituição, o que se verifica como tendência nos estudos internacionais. Acrescenta ainda que a preferência pelo suporte depende do contexto e que a leitura digital é influenciada pelas idades e fases da vida. O mais revolucionário nesta nova relação leitora é o facto de promover comunidades e identidades, através de uma mobilidade colaborativa.

Partindo da receptividade e crescente familiaridade com a web 2.0 para a edição digital, não se podem esquecer as vantagens e desvantagens, especialmente ao nível do acesso.

O argumentista e músico Filipe Melo salientou a visibilidade que o seu livro *Pizza Boy* alcançou a partir do momento em que a editora americana que comprou os seus direitos o lançou em versão ebook. “A edição portuguesa em papel, da Tinta da China, esgotou. A edição em ebook nunca esgota.” Junko Yokota concorda com o óbvio: também uma biblioteca pública que disponibilize ebooks nunca deixará de ter exemplares para serem requisitados.

Por outro lado, há o problema do preço avultado dos aparelhos e da compatibilidade com as aplicações, como salientou a jornalista Sara Figueiredo Costa. O Comissário do Plano Nacional de Leitura, Fernando Pinto do Amaral foi mais longe, considerando que “havia uma internet scut, agora há uma internet com portagens”, referindo-se à quantidade de conteúdos

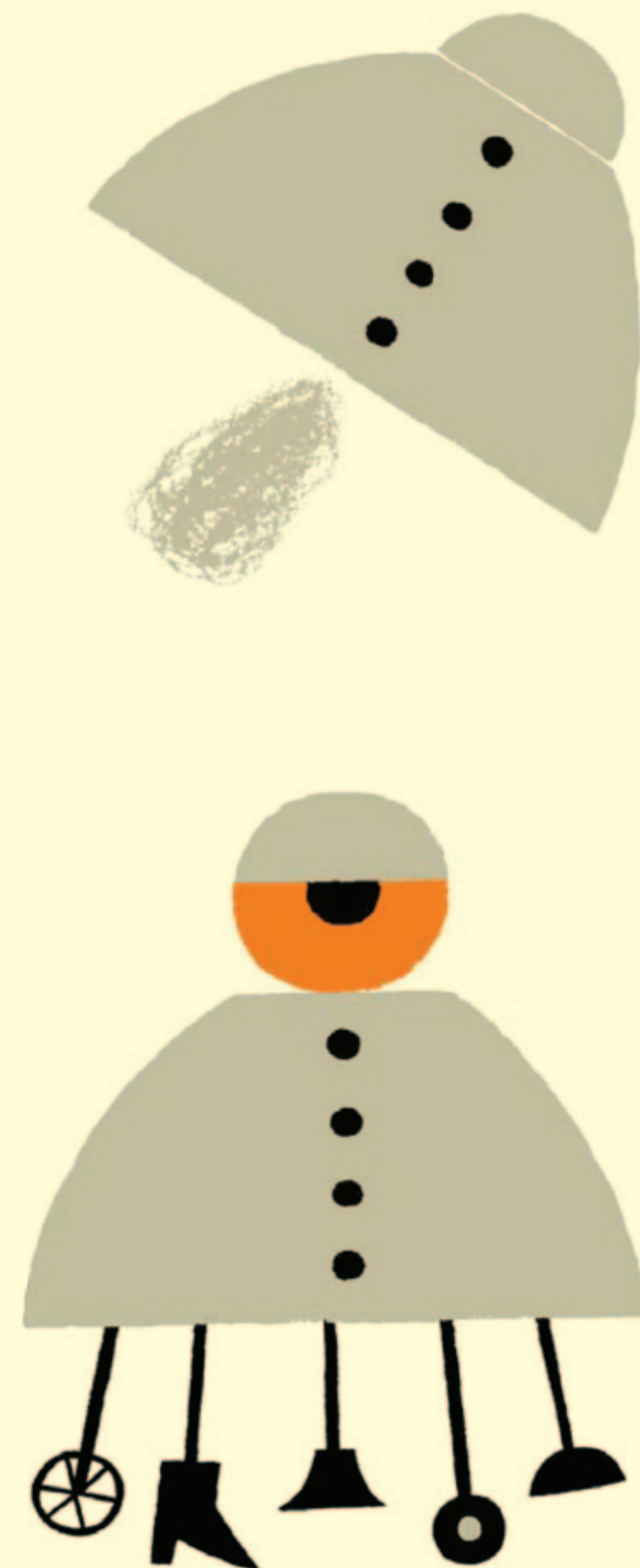
pagos e à dificuldade de acesso, através de códigos e passwords. Para além disso, há em todo o universo virtual uma evolução que torna cada produto demasiado efêmero. “Acho que as paredes são muito importantes para a cultura. É lá que se penduram os quadros, que estão as estantes, que fica a tela. O digital não pode ser pendurado. A tecnologia é efêmera. Não sabemos se o pdf ainda existe daqui a cinco anos.”, afirmou o escritor, ilustrador e músico Afonso Cruz que também confessou a felicidade que foi poder desenhar no computador sem temer pelo sentido definitivo do erro no papel.

Desta primeira Conferência, todos levaram questões mas ouviram-se editores com intenção de apostar na edição infantil, apesar de muitas dúvidas específicas e práticas sobre custos com as aplicações, contratos, distribuição, direitos de autor. Os livros viajarão, não para as gráficas mas para as secções de produção de conteúdos de empresas de software, as linguagens que se cruzam serão necessariamente outras.

Espera-se, no entanto, que o Prémio para Histórias Digitais Ilustradas, que a Nave Especial lançou no final da Conferência, ajude a incentivar as editoras a criar bons livros digitais. Para concorrer é preciso enviar um guião, exequível de ser transposto para ebook e algumas imagens exemplificativas do produto final. Serão escolhidos dois projetos que terão a sua edição assegurada pela Pato Lógico e pela Biodroid, um na categoria de Histórias Infantis Ilustradas, outro na categoria de Histórias Ilustradas. A estes dois projetos, juntar-se-á um Top Ten, com direito a apresentação na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha.

Se Portugal tem, como o designer Jorge Silva constatou, um problema efetivo de mercado, por ter pouca população e pelo seu fraco nível económico e cultural em geral, o digital permite uma aproximação preciosa a todos os falantes da língua portuguesa.

Ao contrário da prática política em Portugal, a cultura é um bom investimento, que tem retorno direto e indireto, com poucos custos intermédios. Falta, quase sempre, uma ideia e uma prática. Nesta Conferência, abriu-se um mapa em sentido contrário.



1. <http://www.nave-especial.pt/>

2. A apresentação de Carlos Pinheiro pode ser visualizada na íntegra no seu blogue Ler ebooks, em <http://lerebooks.wordpress.com/2013/01/29/leitura-digital-e-formacao-de-leitores/>

DIGITAL E PAPEL:

duas narrativas a olhar para o leitor

Andreia Brites

André Letria, um dos mais reconhecidos ilustradores portugueses, ilustra profissionalmente há vinte anos, partilhando a ilustração infantil com a ilustração editorial. Depois de fundar a editora Pato Lógico, assumiu o desafio da edição digital de livros infantis. Com o Projeto Nave Especial, pretende dinamizar o setor em Portugal. Apenas, e não é pouco, para continuar a contar boas histórias.

Como surgiu a ideia de criarem (a Pato Lógico e a Biodroid) o projeto Nave Especial?

A Nave Especial nasce como sequência natural da colaboração entre o Pato Lógico e a Biodroid, para a adaptação em formato digital dos nossos livros editados em papel. Este trabalho de parceria tem-nos obrigado a muita reflexão sobre o que devem ser as histórias contadas através destes novos suportes que, por permitirem uma conjugação de inúmeros malabarismos técnicos, podem - e isso acontece muitas vezes - deixar para segundo plano o que é realmente importante: a leitura de uma boa história.

A experiência de trabalho nas três aplicações que já lançámos para o mercado digital (*Incómodo*, *Estrambólicos* e *De Caras*), com todo o processo de tentativa/erro que envolve o trabalho numa área experimental, motivou-nos a criar um espaço de discussão - a conferência ABC da Edição Digital -, a que se sucederá a criação do prémio Nave Especial - Histórias Digitais Ilustradas, como espaço de experimentação do qual esperamos propostas inovadoras para o desenvolvimento deste formato. É isto que pretendemos com o projeto Nave Especial:

a construção de uma plataforma que, de uma forma regular, ofereça soluções criativas para o trabalho nos suportes digitais.

Que balanço fazem da Conferência ABC da Edição Digital?

Esta conferência foi apenas um primeiro passo dado numa área em que está quase tudo por fazer. O balanço é positivo, embora tenhamos a consciência de que é necessário mais tempo de discussão e reflexão. Está o terreno preparado para uma segunda edição.

A Pato Lógico também é reconhecida pelas suas edições digitais. Já havia a intenção de avançar para esse suporte quando a editora foi criada?

As minhas primeiras preocupações como editor prendiam-se com a viabilidade financeira de um projeto que eu achei que devia começar de uma forma convencional, dedicado inicialmente aos livros impressos. Era a área que eu conhecia e, apesar dos vícios de mercado que não ajudam editoras pequenas - entenda-se rotatividade alucinante de novidades nas livrarias, ou percentagens de distribuição sufocantes -, uma aposta controlada em edições com pequenas tiragens seria sempre um passo mais seguro.

A entrada no formato digital deve-se ao Tiago Ribeiro, da Biodroid, que se mostrou um grande entusiasta do projeto do Pato Lógico desde que nos conhecemos, em 2011. Pessoalmente, sempre tive curiosidade em explorar novos formatos, também em papel; o interesse do Tiago e a experiência da



Biodroid no trabalho em plataformas digitais tornou possível esta aventura que está apenas no início.

A tua experiência na animação contribuiu para o interesse por esta área?

Incómodo, o primeiro título digital que lançámos, beneficiou muito da minha experiência na animação. A versão impressa foi pensada tendo já em mente a adaptação para o ecrã. O formato de harmónio recorre de certa forma à linguagem cinematográfica, com uma mini-narrativa a ser contada em frames, como preparação para a utilização da imagem em movimento, que viria a acontecer mais tarde na versão digital. Mas a adaptação não foi fácil. Tivemos nesta experiência o primeiro choque com a realidade: a necessidade de pensar na adaptação para o digital como um projeto autónomo. Apesar de ser a mesma história, ela teve de ser contada utilizando outros recursos, não só técnicos, mas também narrativos, que envolvessem o leitor como participante ativo no desenrolar da ação.

Como ilustrador, qual é o maior desafio que a edição digital te apresenta?

Saber tirar partido da tecnologia que temos à disposição, sem que seja ela a comandar a nossa linguagem, é o desafio inicial. O formato digital permite outras formas de contar histórias, mas temos de saber guardar uma reserva de objetividade que não comprometa a mensagem.

E como editor?

Numa primeira fase, somos confrontados com um mercado muito reduzido como o português, sem consumidores em quantidade suficiente para tornar rentáveis os produtos que estamos a criar. Logo a se-

guir, deparamo-nos com a dificuldade de mostrar ao mundo que existimos. A edição digital permite uma internacionalização imediata, com cada título traduzido em diferentes idiomas. Só que entram imediatamente em competição com dezenas de milhares de outros títulos, literalmente à distância de um clic. Por um lado, temos os problemas de distribuição resolvidos, com títulos sempre disponíveis, sem quebras de stock; por outro é preciso aprender a trabalhar recorrendo a formas de comunicação global, num contacto direto com os leitores, sem recurso a intermediários, através das redes sociais, por exemplo.

O Incómodo é a única edição digital da Pato Lógico sem texto. No entanto, tem uma narrativa. Como foi a parceria com a equipa que concebeu a aplicação? O entendimento assemelha-se ao do ilustrador com o escritor?

A relação entre o autor e o produtor de uma aplicação pode ter como termo de comparação a relação entre um ilustrador e a gráfica que imprime o seu livro. No processo de reprodução das ilustrações é necessário perceber como vão reagir as cores impressas num determinado papel, por exemplo. O trabalho de produção do *Incómodo* foi um pouco mais longe, porque o contributo do lado da produção também foi criativo, na sugestão de situações para a interação com o leitor, que tinham por base soluções técnicas inerentes à máquina (iPad) para a qual estávamos a produzir aquela história. Neste caso a tecnologia definiu algumas escolhas para a narrativa.

Incómodo, Pato Lógico, 2011 >



Pela tua experiência, o que muda no processo de criação da narrativa para crianças (no teu caso, visual) quando é pensada para uma edição digital?

Talvez a inclusão de processos narrativos que envolvam outras linguagens artísticas, como a animação, seja o maior fator de diferenciação entre o formato impresso e o digital. O processo de criação, neste caso, obriga a uma planificação que contemple as várias aplicações possíveis da imagem: como se vão fazer as transições de uma cena para outra, por exemplo.

Para além do prémio Nave Especial, a Pato Lógico tem intenção de editar mais algum livro digital?

O Pato Lógico vai continuar a trabalhar num catálogo de livros impressos. Sempre que possível serão adaptados para o formato digital. Nalguns casos serão mesmo pensados para os dois formatos em simultâneo, como aconteceu com os *Estrambólicos* ou o *De Caras*. Noutros casos serão pensados originalmente para o formato digital. As razões para estas escolhas estratégicas podem ter várias origens. Acima de tudo é necessário que a adequação da ideia ao formato funcione. Uma boa ideia para um livro em papel pode não ser adequada ao formato digital e vice-versa.

Neste momento estamos a preparar uma nova coleção de histórias contadas através de imagens, que será pensada em simultâneo para os dois formatos. É este o próximo projeto do Pato Lógico, com apresentação para breve.

O livro *Mar* também já está a ser adaptado para o formato digital.

A produção de títulos sob a chancela da Nave Especial, para já, acontecerá apenas no âmbito do prémio, com a publicação dos trabalhos vencedores.

A receptividade às edições da Pato foi muito boa, na feira de Bolonha, no ano passado. Foi mais fácil

vender os direitos das edições digitais ou das edições em papel? Que tipo de expectativas encontraste nos editores interessados?

Esta é uma questão que estamos a explorar. No ano passado, a presença na Feira de Bolonha revelou-se um surpreendente sucesso comercial, através da venda de direitos do *Se eu fosse um livro* para norueguês, francês, coreano, ou inglês, com outros contratos para outras línguas ainda em discussão. As nossas experiências digitais geraram o interesse de algumas editoras com quem negociámos os direitos em papel, mas não houve negociações no âmbito do formato digital, até porque não queremos misturar as coisas. O formato digital, por ser na sua essência universal, obriga a outro tipo de condições, que estamos a discutir com uma das editoras que comprou direitos para o livro impresso. Talvez a solução passe pelo desenvolvimento de uma aplicação que poderá ser comercializada em diferentes mercados digitais por cada uma das editoras envolvidas.

A edição digital pode ser uma solução económica viável para a sobrevivência das editoras infantis mais pequenas, em Portugal?

A produção destes produtos, pelo menos num formato que implique um maior grau de interação com o leitor, utilizando animação, sonoplastia, programação, etc., não é barata. Por si só o formato digital não é uma solução para a viabilidade financeira. No caso do Pato Lógico, a parceria com a Biodroid permite-nos continuar a explorar esta via, ao mesmo tempo que trabalhamos nos livros em papel e desenvolvemos outras vertentes da editora, como o Serviço Educativo, que nos permite um contacto muito próximo com escolas e bibliotecas, para além do papel, para além do ecrã, frente a frente com os leitores.



LEITURA NO MUNDO VIRTUAL

Gemma Lluch desbrava o caminho dos adolescentes

Andreia Brites

Professora e investigadora na Universidade de Valência, Gemma Lluch¹ tem-se dedicado à literatura infantil e juvenil, à análise das narrativas paraliterárias e audiovisuais para adolescentes e às suas práticas de leitura na web 2.0.

Depois de inúmeras investigações, conferências e publicações sobre a educação literária, a seleção de leituras para crianças e jovens, a leitura e a escrita na sociedade da informação, Gemma Lluch dirige a equipa que desenvolve o projeto de investigação “Desenho, acompanhamento e avaliação de experiências de promoção da leitura a partir da web 2.0”.

O projeto, iniciado em 2010, aproxima-se do fim e prevê-se para breve a publicação de artigos sobre os fóruns da escritora juvenil Laura Gallego, uma das experiências de grande sucesso ao nível da receção juvenil, e sobre os blogues participantes no desafio de leitura “Reto Delirium”.

Este último consistiu num original desafio lançado pela editora SM, em 2011, antes de apresentar no mercado o primeiro volume da trilogia *Delirium*, de Lauren Oliver, que se esperava que alcançasse um grande sucesso em Espanha e nos Estados Unidos. A SM convidou todos os blogues sobre literatura a participarem num concurso para a leitura do livro em 24 horas, obrigando-se cada bloguista a atualizar o seu espaço com comentários sobre o livro e a leitura, ao longo desse período. O livro seria disponibilizado em suporte digital, com um tempo de acesso de um dia. No final da leitura, o livro seria recenseado

em cada um dos blogues participantes. No entanto, o número de blogues presentes no desafio era limitado, pelo que seriam os leitores quem votava, previamente, numa das páginas do facebook da editora (dedicada aos livros infantis e juvenis) nos comentários que a editora postava sobre cada um dos blogues interessados em concorrer. Os posts que obtivessem um maior número de likes eram escolhidos².

Esta campanha vem ao encontro do que Gemma Lluch constata e analisa há algum tempo: uma alteração de paradigma no acesso ao livro por parte dos adolescentes e jovens. “Pela primeira vez, tanto o editor como o escritor dirigem-se diretamente ao leitor, apresentam-lhe o livro e é ele quem o valoriza, o recomenda e publicita...” Há uma aproximação e uma liberdade proporcionada pelo domínio de ferramentas que até ao aparecimento da web 2.0 não existiam. A velocidade e a disseminação da comunicação deram esse poder ao adolescente, que se comporta com os livros como com outros produtos de consumo. Pode este fenómeno aumentar o número de leitores? Gemma Lluch pensa que sim. “Os estudos em Espanha dizem que a leitura aumentou. Sobretudo entre mulheres adolescentes e jovens. Casualmente, as mais ativas na rede. Provavelmente os fenómenos estão relacionados mas faltam-nos dados para afirmá-lo.” O efeito de massas, a sociabilização em torno do produto, a identificação e acesso a uma determinada comunidade podem contribuir para que alguns preconceitos em relação à leitura se esbatam, abrindo caminho para alterações de

1. <http://gemmalluch.com/esp/>
<https://twitter.com/gemmalluch>
<http://www.facebook.com/paginagemmalluch>

2. O regulamento do concurso ainda está disponível na secção juvenil do site Literatura SM: http://www.literaturasm.com/reto_delirium.html

3. Lluch, G. (2012): *Del oral, audiovisual y digital a la lectura (y la escritura) en secundaria*. Madrid: Fundación SM.



comportamento. Segundo Gemma Lluch, um dos principais argumentos para a mudança é o facto de a leitura deixar de ser uma atividade individual para se assumir como uma atividade coletiva.

Perante tamanha revolução, que papel tem hoje a mediação? Como deve funcionar, qual o seu espaço, qual o seu objetivo?

Parece contraditório que continuem a ser necessários mediadores, mas não é.

Por um lado, e como tão bem demonstra no seu livro *Del oral, audiovisual y digital a la lectura (y la escritura) en secundaria*³, os professores podem e devem utilizar todas as ferramentas digitais ao seu dispor para trabalhar e promover a leitura e a escrita em sala de aula. O livro é de acesso digital gratuito, através da página da autora e abre uma infinidade de caminhos para reflexão e para a prática didática, sem ser instrumental ou utilitarista. Da narrativa oral, passando pelos filmes e chegando aos fóruns, blogues, facebook ou twitter, Gemma Lluch propõe atividades e estratégias que direcionam a otimização destes recursos como plataformas de comunicação e reflexão sobre leitura, tendo sempre em atenção a perspetiva didática da prática da escrita. Estas atividades não se confinam à reprodução ou apresentação de modelos aos alunos mas também a uma aprendizagem partilhada entre docentes e discentes sobre o funcionamento destas ferramentas.

Até porque, para os não leitores, a web 2.0 não trará por si só uma indómita compulsão para a leitura. Na nossa conversa, a investigadora considerou

que a Internet ajuda no processo de criação de leitores, mas não atua sozinha. “Isso ficou demonstrado na tese de doutoramento de Maite Monar. O *corpus* que analisou era pequeno, três centros educativos, mas os resultados foram os mesmos. Os adolescentes mostravam-se muito satisfeitos e mais motivados para a leitura nas aulas em que os professores usavam wikis, webs, blogs..., para aumentar a leitura. Ainda que também se deva considerar que estes centros tinham bons professores. É difícil separar que parte do êxito corresponde à plataforma ou às ferramentas utilizadas e que parte ao bom trabalho do professor.”

Por outro lado, há a educação literária. Essa, segundo Gemma Lluch, continuará a depender dos mediadores, mesmo com o auxílio de todo o universo virtual. “São leituras diferentes com textos diferentes. Creio que o docente deve trabalhar fundamentalmente a educação literária com textos canónicos, de todos os géneros e de todas as épocas e esse tipo de leitura não se promove sem mediador.”

Não há porque fugir da web 2.0, há sim que aceder às práticas e comportamentos dos adolescentes, continuar esse caminho de estreitar laços, como sempre aconteceu na mediação. Por muito que a revolução tecnológica ajude na promoção da leitura, o leitor crítico não nasce acabado. Mas é certamente um passo de gigante saber que é mais fácil que se autonomize. Ao mediador, cabe dar-lhe asas para voar.

O LIVRO VERMELHO

O livro é um jogo de espelhos

Andreia Brites

A literatura, como a arte em geral, está cheia de recursos. O 'mise en abyme' é um deles.

Na pintura, reflete um pormenor do quadro noutro quadro, como acontece no célebre quadro "O Retrato dos Arnolfini" de Jan Van Eyck, em que o espelho côncavo, ao fundo, reflete a perspetiva inversa do casal, que se apresenta de frente no quadro e de costas no espelho, permitindo a visualização de duas figuras que no quadro não existem.

Este encaixe encontra múltiplos exemplos na literatura, tendo o termo sido fixado por Andre Gide para a área dos estudos literários.

A função do 'mise en abyme', enquanto recurso, é especular e de complexidade variável, que vai da mera reprodução enfática de um pormenor ou momento, à reflexão metaliterária ou artística.

Em *O Livro Vermelho*, o 'mise en abyme' funciona como principal estratégia narrativa para este álbum sem texto, tornando-o múltiplo de leituras, como se deseja a um bom livro.

A história é singela. Uma menina encontra na rua um livro e leva-o consigo. Nesse livro está um menino, que por sua vez encontra um livro. De repente, ambos se encontram nas páginas do outro. A menina sai da escola, decidida a encontrar o menino, que vive noutro hemisfério. Compra um grande conjunto de balões e voa até ele.

O que torna o livro especial é precisamente a forma

como esta simples intriga é narrada. Toda a sua complexidade assenta na subtileza deste diálogo especular que traz o livro para narrador. Depois de a menina levantar voo o livro cai-lhe das mãos, aterrando semi-aberto no passeio. É pelas suas páginas, oscilantes com o vento, que acompanhamos a viagem da menina, a desesperança do menino e o encontro feliz. O que lhes acontece, não sabemos, porque antecipamos que o livro do menino será levado pelas ondas e o da menina, sabemo-lo a fechar, irá com um novo leitor, na sua bicicleta. Os *close-ups* alimentam o avançar das descobertas, que sustentam a ação. A perspetiva superior segue a própria ergonomia da leitura, reforçando a relação meta-narrativa da obra e o estranhamento que provoca. O 'mise en abyme' não se limita a reforçar. Pelo contrário, perturba a ordem ficcional, deixando o leitor sem saber o que se passa dentro do livro e fora

dele, embora dentro da história. Há uma rutura com a lógica de verosimilhança que não passa pelo voo da menina e sim pelo diálogo entre as duas crianças, pelo seu reconhecimento. Por outro lado, e simbolicamente, é possível considerar que há um paralelo entre a relação da diegese e do livro e a das duas crianças, que vivem em universos muito distintos (a menina numa cidade cinzenta, onde neva, e o menino numa ilha onde o sol brilha, há

O Livro Vermelho
Barbara Lehman
GATAfunho



palmeiras no lugar de prédios e a praia está deserta) e se conseguem encontrar. O encontro dos dois mata os jogos de opostos e prova que as dimensões se podem aproximar e fundir. Em suma, as fronteiras entre realidade e sonho são ténues, tão ténues quanto a vida e a narrativa do livro, que a reflete, a subverte e espanta.

The Red Book foi o livro de estreia da autora, a ilustradora americana Barbara Lehman, e valeu-lhe uma menção especial do Caldecott Medal

Award em 2005. Outros livros se têm seguido, sempre álbuns sem texto, sobre uma visita ao museu, ou uma caixa secreta. A simplicidade com que usa a caneta para dar contorno às personagens e objetos e as cores com que preenche e dá volume aos espaços aproxima-se de um certo imaginário infantil, aliás referido pela própria autora.

The Red Book chega agora a Portugal, pela GATAfunho. Só muda o título para *O Livro Vermelho*.



Caldecott Medal e Newberry Medal 2013

Jon Klassen já tinha posto um urso em desespero, à procura do seu chapéu. Agora, foi a vez de um pequeno peixe roubar um chapéu alheio. Em jeito de *travelling*, a narrativa acompanha o ladrão na sua fuga pela imensidão escura das águas. A construção, o sentido de inferência e o humor valeram ao ilustrador canadiano nascido em 1981, aqui também autor do texto, o Caldecott Medal Award de 2013. *This is not my Hat* é uma edição da Candlewick Press.

No universo animal, e partindo de um caso verídico, a autora americana Katherine Applegate (n.1956) escreveu *The One and Only Ivan*, a história de um gorila que vive aprisionado numa jaula dentro de um centro comercial, sem memória da sua identidade ou origens. A pintura e alguns amigos alegam os seus melancólicos dias, que se alteram com a chegada de um elefante bebé. Os grandes temas como a amizade, a esperança, o sonho e a memória ganham densidade na voz do gorila, acentuando o sentido ético da obra, que mereceu a distinção com o Newerry Medal.

Ambos os Prémios são atribuídos anualmente pela Association for Library Service to Children (ASLC), uma divisão da Associação de Bibliotecas Americanas (ALA). Os júris são compostos por bibliotecários de bibliotecas públicas de todo o país. Os vencedores e as menções especiais do Caldecott e do Newberry Medal foram anunciados no passado dia 28 de janeiro, a par de outros Prémios da responsabilidade do ASLC, como o Belpré ou o Geisel Award. Todos os livros vencedores, assim como as menções especiais, podem ser consultados no site do ASLC.

<http://www.ala.org/alsc/awardsgrants/book-media>

Ilustração portuguesa no Brasil

No âmbito das comemorações do ano de Portugal no Brasil, o Projeto Lá e Cá leva a São Paulo a exposição de ilustração portuguesa para a infância que esteve patente em Bolonha, em março de 2012. “Como as Cerejas” ganha outro nome e a companhia de sete escritores lusos. Agora “Lá e Cá, Os Livros Viajantes”, aporta ao Sesc (Serviço Social do Comércio), onde ficará até 8 de abril. Desta vez, as ilustrações abandonam as vinte e cinco malas, uma para cada ilustrador, e apresentam-se numa parede que remete para o tema do mar. Representam, na maioria, a nova geração portuguesa, e apresentam estéticas e técnicas muito distintas, que cruzam o digital com a colagem, as cores suaves com as cores fortes, traços finos e geometrias diversas. O principal critério que presidiu à escolha foi a distinção dos ilustradores com o Prémio Nacional de Ilustração (ou menção especial) ao longo dos últimos anos. André Letria, Alex Gozblau, Bernardo Carvalho, Catarina Sobral, Cristina Valadas, Danuta Wojciechowska, Gémeo Luís, João Vaz de Carvalho e Marta Madureira são alguns dos nomes presentes. Às ilustrações, juntam-se os livros para os quais foram criadas, e ainda outros, de sete escritores canónicos da literatura infantil e juvenil portuguesa. São eles Alice Vieira, António Mota, António Torrado, José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina e Sophia de Melo Breyner Andresen. Ao todo, conta-se mais de uma centena de livros em exposição.

Estão ainda previstas sessões de contos, palestras e oficinas.

<http://laecaprojeto.blogspot.com.br/>
(as fotos da inauguração estão no facebook do Sesc:
<http://www.facebook.com/media/set/?set=a.441287849273159.97161.162055800529700&type=1>

Observatório em Saragoça

O Observatório de Literatura Infantil e Juvenil nascido no final de janeiro, é um projeto da associação Atrapavientos e pretende promover a leitura junto dos mais novos. Tem como principais linhas de intervenção a observação do universo literário infantil e juvenil e a criação e dinamização de diversas atividades dirigidas a crianças, pais, jovens e público em geral.

Haverá oficinas de escrita para pais e filhos, ateliers de criação de mini-livros e de livros digitais, encontros e conversas com autores de literatura infantil e juvenil.

Chamar os mais novos para a leitura é o principal desafio, e a Atrapavientos espera conseguir superá-lo através da arte e da criatividade dos ateliers, da ligação estreita às novas plataformas virtuais e de uma inovadora campanha de fomento da leitura.

Como primeira iniciativa, o Observatório promoveu um chat com a escritora argentina Maria Teresa Andruetto, vencedora do prémio Andersen em 2012. O convite foi público e, a todos os que desejaram participar, bastou que se inscrevessem na página web da associação. Para maio está prevista uma conferência de César António Molina, escritor e diretor da Casa del Lector.

O Centro Musical y Artístico Las Armas, na zona velha de Saragoça, acolheu no seu espaço privilegiado o Observatório e a própria associação. Assim, reúnem-se as condições ideais para que o CMA Las Armas se reforce como referência cultural, a mais importante da região aragonesa.

<http://www.atrapavientos.es/>
<http://cmalasarmas.com/Default.aspx>

Tirar o chapéu a Dr. Seuss

No 75º aniversário do livro *500 Hats of Bartholomew Cubbins*, de Dr. Seuss, a Random House presta homenagem a um dos autores mais reconhecidos da história da literatura infantil americana do séc. XX. Com uma vasta obra de 44 livros escritos e ilustrados por si, Theodor Geisel (1904-1991) deixa a famosa série iniciada com *The Cat in the Hat*, muitos prémios (entre os quais o Pulitzer, e três menções honrosas do Caldecott), e uma longevidade garantida para a obra, que continua a ser reeditada não apenas em papel, mas também em edições digitais.

Para além de uma nova capa e da ilustração a cores do livro *500 Hats of Bartholomew Cubbins*, a editora organizou, em parceria com a Dr. Seuss Enterprises (que gere a sua coleção de arte), uma exposição com a secreta coleção de chapéus do autor. Esta mostra representará apenas uma parte do gigantesco acervo que o inspirava na criação das suas personagens e narrativas. Os chapéus eram, aliás, uma imagem histriónica e extravagante que aproximava a figura física do autor com as suas personagens ilustradas.

À coleção de chapéus junta-se outra, de arte, composta por trabalhos seus e outros que foi adquirindo. “Hats off to Dr. Seuss!” estreou-se em Nova Iorque e vai percorrer, durante o ano de 2013, outros estados americanos, entre os quais Los Angeles, Chicago, San Francisco, Detroit ou Washington. Para que todos lhe possam tirar o chapéu.

<http://www.drseussart.com/>

João's
Café

Saramaguiana

O QUE FAREMOS COM ESTE AUTOR?

que força reside numa pergunta: e agora José? o que faremos com você? o que faremos José? o que falaremos José? e agora? você que escreveu prosa, está sem Marcenda, está sem Blimunda, está sem Lídia e já não pode beber, já não pode comer, já não pode falar e agora você.

José entre tantos Josés. e dizemos José para lembrar: que somos tantos e que fomos tantos... os que passaram, os que aqui estão, aqueles que por nós estão a esperar...

e se houve alguma vez neste mundo alguém sem nome, sem alguém para chamá-lo, ao menos de José Junior, certamente, no âmago de sua existência, na sua pequenez desavisada, nas pedras com que o apedrejaram, se realmente nascera, filho de mulher, sabia ter um nome no qual caberia todos os nomes... em qualquer língua...

e a nossa página é a nossa língua

escrevemos como se assinássemos um manual de leitura e de caligrafia sobre o outro, sobre o romance que nos aproxima e que nos exige uma resposta e, no entanto, mal rompe a manhã cá estamos, levantados do chão, a escrever memoriais e memórias de leituras.

E cá estamos já para blimundiar, no ano da morte de Oscar Niemeyer, para falar do ano de nascimento de José Saramago...

e Saramago nasceu quando? no dia que nasceu mesmo? no dia que o registaram? no dia que deu nome ao nome do pai, no dia que começou a ler, no dia que assinou, no dia em que escreveu a primeira palavra, e qual foi a primeira palavra de Saramago, perdida, nos manuais de caligrafia e que o geraram quando em livro – fizeram-no-gerado; fez-se gerado; fado-gerado, famigerado: Saramago nasceu no dia que veio a público o primeiro poema, o primeiro texto, o primeiro nome no jornal, ou então, ele nasceu mesmo e de novo no instante em que se deparou com Pilar, leitora, jornalista, mulher...

e quando Saramago nasceu em nós? nasceu no primeiro livro, ou mais: na primeira vírgula, na primeira página de um conjunto de pá-



ginas que tivemos que voltar porque já não falava mais um dos Josés, não falava o narrador, mas dialogavam personagens nascidos de páginas de livros. ou melhor: quando nasceu para cada um de nós, dentro de nós, com seu nome ecoando entre personagens e páginas, insônias e redescobertas de mundos...

quando habitamos Saramago? este homem insula, este ser península que nos conecta. nestes mundos criados por Saramago – que são um mundo e que fazem parte deste mundo de Josés e de Carlos – vivemos momentos e sentimentos da existência.

e quando rumamos em direção a Saramago: fomos de passarola, aportamos de jangada, apanhamos o elefante... ah! cada romance de Saramago é uma passarola, uma jangada, um elefante: voam leves, desafiam seus tempos, rememoram desejos de voo e cada romance é um voo, uma viagem, uma ventura dentro da noite veloz.

mundo mundo vasto mundo é preciso revisar tudo no mundo – mesmo o que é invisível diria o Saramago-Raimundo...

nossas palavras são palavras de palavras que buscam mundos, que se reconhecem, que caminham por uma rua que passa por muitos países e que se reconhecem nos mundos criados por Josés, Fernandos, Miguéis, Luíses.

saravá, saramar, sim-é-mar, não-é-mar, sim: é mar de morar...

e a experiência de entrar no livro em um tempo de estar na vida sugere uma identidade duplicada, nesta língua duplicada, neste mar de duas moradas.

e mesmo que saibamos de páginas não sabemos ao certo como vivemos no instante da leitura, afinal leio com as palavras de outro, com as imagens de outro, com o ritmo de outro, no cotidiano do outro, e na luxúria da próxima página, atravessada pelos olhos atentos... não temos palavras mínimas, nem brevíssimas, nem onomatopáicas e, menos ainda somos, porque lidamos com as palavras do outro e não podemos explicar o mundo desde o começo ou, melhor, desde o dia, desde o cotidiano, como José o fez, como José fazia, sem pressa e sem-



pre redescobrimo o tempo.

tudo começou com uma metonímia: saramar

e o que falaremos deste autor? talvez, falemos deste autor para reviver a palavra dele na nossa condição limitada de seres de palavras. e palavra de honra que não foi tempo perdido porque José sempre encontrava a palavra e, mesmo que mínima, palavra máxima daquele dia (de criação), daquela noite (de leitura e vivência) deste dia (de resposta e experiência).

o que faremos com este autor? este autor que já esteve vivo, este autor que pensava que talvez não estivesse vivo um dia, ou este autor, segundo a sua certa e própria certeza, que não estaria presente em algum momento que lembrássemos dele... este autor que comemora anos, mesmo na ausência, afinal, houve um cartório que registrou seu dia e, nesta data querida, ficou marcado pra sempre naquela “Conservatória” de “uma cidadezinha qualquer” que este homem com este nome assim assinaria seu nome, seus romances, sua poesia.

saramar! pulsam nossos corações neste dia de todos os Saramagos!

e “quem justificará enfim as palavras escritas?”. a sentença é do arguto narrador cronístico inventado por José Saramago da crônica “Uma carta com tintas de longe”. e nesta carta escrita com tintas de longe, tintas e palavras unem-se em um lugar único: tão longe e tão perto de todos os leitores, personagens, narradores e grandes autores.

o instante de plenitude em que todos os vocábulos escritos e pronunciados, pensados ou silenciados justificam-se, irrompem-se do intuito comum de melhorar os homens – e ainda há quem duvide que “a arte pode melhorar os homens”?! ainda agora José?

tu, Saramago no nome, incontestavelmente, uma personagem certa no cenário que compõe a complexa história da humanidade e que nos leva a pensar que talvez sejamos destas “personagens erradas”,



nascidas em outra de outra crônica sua. pois guia-nos com a iminente conclusão de que ser persona errada no jogo das contas de vidro do mundo é não deixar de dizer a palavra, de fazer o gesto, é nunca abandonar a busca pelas palavras mínimas, brevíssimas já passaram? que conforme preconizações de cronista, expliquem o mundo desde o começo.

tantos Josés eternizados nos romances, contos, poemas, crônicas e peças – à procura da palavra outra, da palavra que alcance o outro para humanizá-lo, e que o lance em outro mal rompe a manhã... enquanto aprendemos a humanizarmo-nos também...

e explicar o mundo, coisa difícil, desde o começo é perscrutar nas palavras de pedra – feitas por homens de pedra e poesia – a oportunidade que elas concedem a leitores e autores de viver o outro, pois existem inúmeros Josés andando pelo mundo: “não os esqueçamos nunca”.

que faremos com o autor que, nascido da mesma Península que nos legou António Vieira, Miguel de Cervantes, Luís de Camões e Fernando Pessoa, pôde, ainda, acrescentar mais palavras e mais ação à literatura ocidental e à intermitente caminhada humana. que faremos, agora José, com estes livros todos que apontam para uma Ibéria descolada e flutuante do restante da europa, testemunham uma terra portuguesa dominada mais pela casualidade histórica que pela efetiva intervenção dos homens e mulheres comuns na construção de seu país, que situam os seres humanos em uma ilha indecifrável onde morte e vida resumem-se, por vezes, à mesma insignificância; obras que, finalmente, desnudam a cegueira que nos afasta das possibilidades reais de alcançar a polifonia, a igualdade, a democracia...

àquilo que sintetizamos por poesia da vida nesta página em branco.

José Saramago encontrou os diversos Josés existentes, sobretudo, pela palavra literária eternizada em sua prosa. habitar o outro pelo



verbo é navegar saramares nunca dantes navegados e extrair da forma, a beleza e da arte, a ação. o que este autor fez é o que almejamos fazer com ele: “até ao dia que for, trabalhar sempre, mesmo para coisas que não veremos”.

e no instante em que me separo de um livro de Saramago, de um romance mais especificamente retorno a mim mesmo? saio de um livro como saio de um sono profundo, aquele deitar-se para morrer, idealizado por Pilar, ou então, saio de um livro como saio da infância, do tempo perdido, do tempo redescoberto. saio de um livro de Saramago como saímos do estado de graça?

e quando escrevo sobre este livro eu o revisito, fugimos de nós, e voltamos de nós para um caminho duplicado. e respondemos: o que nos leva a escrever sobre um autor. como Saramago pôde, com seus livros, nos trazer de tão longe para celebrá-lo, para recordá-lo, pelo que era, pelo que pensava.

que pessoas quixotescas são estas que se unem à roda de um escritor andante e que pessoas sanchescas são essas que vão tomando gosto pelo livro, pelo mundo do livro, pelo fingimento do livro, que chega a fingir que é a dor que deveras sente ao escrever quixotesca-mente, sanchescamente sobre seres, nomes e livros – todos os livros em uma única pergunta: o que faremos com este autor?

o que fizeram dele quando ele tornou-se autor. o que fizeram dele os seus iguais? os seus outros? o que fizeram dele os seus ibéricos, o que fizemos nós os américo-ibéricos, os braso-kanoê que, com a chegada de uma nau de pedra, abrimos nossa casa para suas palavras, para sua presença, para sua vida impressa e carnal... lançada, visitada, palavrada...

esta nau braso-afro-luso-ibera-latina-romanceada: eita vida besta José. e o que faremos com este hífen? uma pátria-língua nos são e nos somos: leitores e respondentes.

e falamos em nosso nome. em nome de um grupo de leitores que está unido por uma causa: o amor às palavras – todas as palavras. e



falamos de José. do José que deu nome ao pai, do José que era um avô, do José que foi pai sem o ser do filho do outro...

e falamos em nome de todos os nomes...

e quando imaginamos apresentar ideias, com lucidez, apresentamos um pequeno ensaio sobre a cegueira – nossas palavras geram apenas páginas em branco!

e quando rumamos para a palavra definitiva percebemos que tudo são intermitências... ah, as intermitências das vidas, as intermitências das insustentáveis levezas de ser, as intermitências da morte, as intermitências do cotidiano, as intermitências do ato de passar a página: e outra de mais e outra de mais e outra demais, ademais, outra página porque somos leitores andantes à roda de José: Saramago!

e falamos em nome de uns poucos nomes, mas seguimos, sem pressa, sem nunca perder tempo, pelo caminho de José Saramago, pois há, ainda que estamos vivos, uma urgência das coisas mais simples e ainda acreditamos que a arte pode mudar os seres, todos os seres...

e mais uma página para ler e outra e outra de outra e mais outra...

Brasília-Lisboa, – 15/12/2012

Este texto foi especialmente escrito pelos componentes do Projeto Sinfo-Samar para o ano dos 90 anos de nascimento de José Saramago.

A ideia da grafia com letras minúsculas, excetuando-se todos os nomes de pessoas e lugares, é uma estilização e uma homenagem, bem como, as citações, metonímias e epífrases poéticas.

Augusto Rodrigues é Prof. Adjunto II de Literatura Brasileira e de Literatura Comparada na Universidade de Brasília (UnB).
augustorodriguesdr@gmail.com

Simona Vermeire é aluna de doutorado em Literatura na Universidade do Minho (UM). simonavermeire@yahoo.com.br

Ana Clara M. Medeiros é aluna do mestrado em Literatura na Universidade Brasília (UnB). a.claramagalhaes@gmail.com



Óculos de José Saramago, exposição permanente da Fundação

AGENDA



22 FEV The Original Glenn Miller Orchestra

Concerto a partir do repertório de Glenn Miller. Gran Teatre del Liceu, Barcelona, (21h).
<http://www.liceubarcelona.cat/>

até 28 FEV Paisajes Sonoros de los Barrios de la Ciudad de Mexico

Exposição fotográfica e sonora da autoria de Daniel Goldaracena. Fonoteca Nacional de Mexico, Coyoacan/DF.
<http://www.fonotecanacional.gob.mx/>

até 3 MAR

A Estalajadeira

Os Artistas Unidos levam ao palco o texto de Carlo Goldoni, com encenação de Jorge Silva Melo. Teatro Nacional de São João, Porto.
<http://www.tnsj.pt/>



25 FEV a 10 MAR Fantasporto

33ª edição do Festival Internacional de Cinema do Porto, um dos mais importantes festivais cinematográficos portugueses. Teatro Rivoli, Porto.
<http://www.fantasporto.com/>



até 10 MAR Adriana Varejão

História às Margens
Exposição retrospectiva de Adriana Varejão. Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.
<http://www.mamrio.com.br/>

21 a 23 FEV Correntes d'Escritas

14ª edição do festival literário que reúne dezenas de escritores de expressão portuguesa e castelhana. Póvoa de Varzim.
<http://www.cm-pvarzim.pt/go/correntesdescritas/>

AGENDA



até 31 MAR Un Mundo Flotante Lida Abdul

Primeira exposição da artista afegã Lida Abdul, que integra a instalação Time, Love and the Workings of Anti-Love. Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian.
<http://www.cam.gulbenkian.pt/>

até 8 ABR Lá e Cá - Os Livros Viajantes

Exposição que reúne os trabalhos de 25 ilustradores portugueses no âmbito dos livros destinados ao público infantil e juvenil. SESC, São Paulo.
<http://www.sescsp.org.br/sesc/>

até 11 MAR

Perder la Forma Humana

Una imagen sísmica de los años 80 en America Latina

Exposição sobre as mudanças profundas na arte da década de 80, com a quebra do paradigma humanista do sujeito e a afirmação de novos e múltiplos olhares sobre o eu. Museo Reina Sofia, Madrid.
<http://www.museoreinasofia.es/>



22 FEV Contatinas na Casa dos Bicos

Contos à concertina por Luís Correia Carmelo e Nuno Morão. Entrada livre, sujeita à lotação da sala.
<http://www.josesaramago.org/378588.html>



até 28 ABR Creando un País para Alicia

Peça de Giuseppe Cafiero sobre a vida de Lewis Carroll e a sua relação com a menina que haveria de inspirar a personagem de Alice no País das Maravilhas. Teatro Liberarte, Buenos Aires.
<http://www.liberarteteatro.com.ar/>

até 12 MAI Trazas y Ornamentos

Exposição de gravuras sobre papel de Giovanni Battista Piranesi. Museo de Bellas Artes, Córdoba.
<http://www.museosdeandalucia.es/>

BLIMUNDA

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

Capa

Elisabete Gomes/Silvadesigners

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC – 126 238



Os textos assinados são
da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

